

BRASIL-PORTUGAL

16 DE JANEIRO DE 1901

N.º 48

General Visconde de Serpa Pinto



Falecido em 27 de Dezembro de 1900

Desde muito novo a África exerceu sobre Serpa Pinto uma atração instintiva. Dir-se-hia que nas veias lhe corria o sangue d'esses audazes aventureiros dos séculos xv e xvi, que, afrontando as iras do mar tenebroso e os pavores das lendas medievais, inscreveram com letras indeleveis na história de Portugal essa deslumbrante epopeia dos nossos descobrimentos coloniais.

Na idade de 23 anos, Serpa Pinto, simples alferes do exército, alista-se voluntariamente na expedição enviada à Zambezia em 1868 para combater o Bonga, esse terrível regalo que tantos desaires causou ao nome português.

E nem o éxito infeliz d'essa malograda expedição, nem as privações e as torturas que sofreu no sertão africano, lhe entibiaram o ânimo ou lhe arrefeceram o entusiasmo para novos comprometimentos n'essa África, que continuava a ser a preocupação constante dos seus sonhos do porvir.

Voltar a esse continente, então na maior parte misterioso, devassar-lhe os segredos, levar o nome português a regiões nunca d'antes percorridas por homens civilizados: tal era a ideia fixa e dominante, a verdadeira obsessão que por completo absorvia o espírito do jovem oficial.

Parecia que, por uma anteviência prophetica do futuro, elle avisava ao longe, scintillando sobre o continente africano, a sua estrela a iluminar-lhe o nome de um brilho imorredouro.

A iniciativa illustrada de Andrade Corvo veio proporcionar a Serpa Pinto o ensejo de realizar as suas aspirações. Com Capello e Ivens parte na expedição científica enviada à África em 1877 por aquele distinto estadista.

Dentro em pouco a expedição divide-se; e Serpa Pinto resolve empreender, sob sua exclusiva direcção, uma travessia audaciosa. Interna-se no sertão africano, e meses e meses decorrem sem que se saiba se é vivo ou morto o ousado explorador.

Entretanto na Europa a corrente civilizadora, que começava a fazer do continente africano o seu campo de exploração, não contava Portugal como auxiliar, mas como inimigo.

As nossas descobertas ao longo da costa e no interior da África, nos séculos xv e xvi, quasi tinham cahido no esquecimento para as gerações contemporâneas. E uma opinião injusta, mas arreigada em algumas chancellerias, e então reforçada pelo testemunho de exploradores recém-chegados do continente africano, accusava a ação de Portugal em África como em grande parte subordinada à exploração do tráfico da escravatura.

Protestavam embora os nossos estadistas e os nossos diplomatas contra tão injustas apreciações. Redigiam-se memórias e notas para demonstrarem os serviços que tínhamos prestado à civilização africana.

Tudo era embalde, que a corrente de deserdito, impulsionada

pelos que ambicionavam territórios a que nos julgavamos com direito, cada vez se avolumava mais contra nós.

Mas um dia o telegrapho transmitiu-nos da África um nome português, um nome na véspera quasi desconhecido e desde logo aureolado pela fama de uma travessia extraordinária.

Era o nome da Serpa Pinto que ecoava na Europa e na América como o mais vivo protesto de Portugal contra as injustiças de que estava sendo vítima, como a mais solene afirmação de que n'este canto da Europa ocidental existia ainda uma nação, com um passado glorioso, que se interessava pela civilização do continente africano.

E os soberanos e os sabios, e as associações científicas da Europa, ao receberem-n'ó pouco depois com as mais significativas demonstrações de apreço, festejavam em Serpa Pinto o homem que se colocara a par dos Levingstons, dos Stanleys, dos Camerons; mas na pessoa do valente explorador era sobretudo Portugal o glorificado, era a história dos nossos descobrimentos, a prioridade da nossa exploração africana, que era repetida, espalhada, divulgada pela imprensa do mundo civilizado, não como a história dos feitos de uma geração extinta, mas como a epopeia de uma raça, que no heróe do dia demonstrava o propósito de reatar a série interrompida dos seus gloriosos descobrimentos de outr'ora.

Foi este, principalmente, o serviço enorme, incommensurável, que Serpa Pinto prestou ao seu país com a sua audaciosa travessia.

Outros nomes também gloriosos se inscreveram mais tarde na história das nossas explorações africanas. Capello, Ivens, Cardoso, Paiva de Andrade, Azevedo Coutinho, e tantos outros, honrando-se a si, honraram o nome português.

Poderiam uns ter sido mais minuciosos nas suas investigações científicas, poderiam outros ter subministrado à ciência geográfica mais largo contingente para o preenchimento do mapa africano. Não desejo estabelecer confrontos, nem discutir preeminentias; mas, sem ofensa para ninguém, é-me lícito registrar este facto que supponho incontestável.

A expedição de Serpa Pinto, talvez por ser a primeira de um poço que parecia adormecido há mais de três séculos para as grandes descobertas, teve na Europa e na América uma resonância preponderante, e para Portugal efeitos políticos de tal ordem, que se traduziram em apreciáveis vantagens moraes e materiais.

Desde então se ficou sabendo que, para a divisão do continente africano, era necessário contar com a nação portuguesa.

E para mostrar que me não cega, n'esta minha apreciação, a amizade e o entusiasmo que tributei ao valente explorador, basta referir que de entre os seus contemporâneos, não só de Portugal, mas de toda a Península Ibérica, Serpa Pinto foi o único honrado com a invejável distinção de ver o seu nome inscrito, ao lado dos quarenta imortais da Academia Francesa, na seção das ciências do Instituto de França.

Depois de uma curta expedição ao Nyassa, interrompida pela doença, Serpa Pinto em 1889 volta de novo à África; mas então a sua ação salienta-se menos como explorador científico do que como chefe militar.

Apelaram para o seu patriotismo e elle aceita sem hesitar uma missão cheia de perigos e de responsabilidades.

Está ainda por fazer a história d'essa expedição memorável. Quando tudo se souber, rectificar-se-hão injustiças de que foi vítima o notável explorador.

Houve por certo um momento em que Serpa Pinto pensou, como Francisco I em Pavia, que, se tudo estava perdido, devia ao menos salvar-se a honra. Mas não tomou só sobre si a responsabilidade de iniciativas aventureiras.

Serpa Pinto só avançou quando se julgou autorizado a fazê-lo. O avançar era caminhar para a luta. Encarou o perigo de frente, lutou e venceu.

Tivemos de recuar mais tarde perante a iminência de um con-

flicto internacional, como, em circunstâncias idênticas, o fez nos nossos dias uma nação de não menos levantados brios, mas bem mais poderosa do que a nossa.

Mas recuámos depois de uma vitória, que encheu de júbilo a alma nacional.

Ilude-se quem pensar que, se mais pusillanime tivesse sido o nosso procedimento, mais facilmente saciáveis teriam sido as cobrigas que de todos os lados nos cercavam.

O instinto do povo tem ás vezes a clara percepção dos acontecimentos; e o instinto do povo português dizia-lhe que Serpa Pinto salvara com a sua vitória a honra da nação.

A sua popularidade foi então extraordinária. O seu nome repetido e aclamado de um a outro extremo do país é inscrito nas ruas e nas praças das mais notáveis cidades como das mais modestas aldeias.

Se n'esse momento o tentasse o papel de agitador político, talvez nunca revolucionário algum tivesse arrastado atrás de si turmas mais entusiasmadas nem mais fanatizadas.

Foi outro o caminho que o seu patriotismo lhe apontou. Longe de procurar explorar as paixões políticas, elle, o ídolo das multidões, sacrificia a sua popularidade ao que a sua consciência lhe dizia ser o cumprimento de um dever.

E o homem, que tanto ruído fizera em volta do seu nome, que tanto ambiçãoira a fama e a glória, procura voluntariamente fazer-se esquecer, n'uma meia obscuridade, n'uma relativa quietação, a que aliás o convidavam as exigências da sua saúde deteriorada; porque essa África, que tanto o elevara moralmente, tinha-lhe minado e abatido as forças físicas.

Não eram porém decorridos ainda muitos annos e já a nostalgia do continente africano o perseguiu de novo.

E, dura lição das couças d'este mundo! Serpa Pinto, que tanto engrandecera o prestígio da sua pátria, que tantas provas tinha dado do seu talento e do seu valor, só com dificuldade consegue um modesto governo ultramarino.

Das injustiças dos homens se vingou elle, demonstrando mais uma vez as multiplices aptidões do seu espírito privilegiado. O intrepido explorador de outr'ora, o guerreiro audacioso e feliz de mais tarde, transforma-se no administrador consummado. A sua administração como governador geral de Cabo Verde é, no parecer de amigos e adversários, das mais notáveis que aquella colónia tem tido.

Foi este o seu ultimo esforço, que elle, que sempre encontrara a vitória no seu caminho, não pôde vencer os germens da doença que lhe minavam o organismo.

Regressando à metrópole, os ultimos meses da sua existência representam uma luta constante entre a vida e a morte, luta titânica em que a sua vontade indomável conseguiu por vezes, zombando das previsões da ciência, fazer renascer esperanças, que infelizmente eram passageiras.

Era velo-então, no remanso do lar doméstico, cercado dos cuidados e dos carinhos de uma família que o estremecia, no convívio de amigos dedicados, como a todos elle prenha longo tempo, junto do leito ou da sua cadeira de doente, pelo encanto da sua atraente conversação. E' que o seu espírito, cheio de vida, parecia recusar se a deixar esta terra, que elle tanto amara e tanto ajudara a enaltecer.

Luctou até ao fim. A morte foi um alívio no seu longo padecer.

MORAES DE CARVALHO.

As eloquentes palavras que acabam de ser lidas, a respeito de Serpa Pinto, fazem parte do brilhantíssimo discurso pronunciado pelo sr. conselheiro Moraes de Carvalho na Câmara dos Dignos Pares do Reino.

Foi tão belo esse discurso, com tal elevação o ilustre parlamentar prestou homenagem à memória do grande morto que o Brasil-Portugal entendeu que, melhor do que qualquer artigo, estavam indicadas para acompanhar o retrato de Serpa Pinto as palavras do sr. Moraes de Carvalho.





A mulher nos dramas de Ibsen

ENHUM auctor dramatico do seculo findo distribuiu em suas obras tão ponderosos papeis aos personagens femininos como o genial dramaturgo escandinavo. Ibsen parece até, por vezes, comprazer-se em amesquinhá o homem collocando-o em confronto depremente com o sexo frágil.

Na grande maioria, para não dizer em todas as produções dramáticas, é um personagem masculino quem defende a tese e formula as doutrinas do auctor. Ibsen reparte esse encargo, quando o não confia exclusivamente à mulher, escolhendo-a para seu intérprete.

Veja-se por exemplo em *Samfundets Stætter* (¹) o papel preponderante de Lona (Mathilde) Hessel.

Ao lado d'este caráter de finíssimo toque, modelo de energia masculina, de abnegação e de carinho, como nos parece pequenino o conselhista Bernick, o poderoso magnate, o cidadão prestante venerado como um semi-deus, reputado a alma da sociedade e do torrão em que vive! Esse potentado d'hontem trembe hoje submisso ante o olhar inquiridor d'uma mulher, e afunda-se a pouco e pouco até desaparecer no lodo das mais torpes machinações; é ella, porém, sempre nobre e generosa quem o arranca do atoleiro da mentira; é ella, quem o purifica e lhe abre novo caminho livre dos abrolhos cruciantes do passado.

Comparem-se, no mesmo drama, Betty e Martha Bernick, — esses corações femininos feitos de dedicações e resignação como

Aline Solness e Kaja Fossi (²), — comparem-se com Hilmar Toeniesen e Roelandt!

Em *Vildanden* (³), Hedvig, uma creança, e Gina Ekdal apesar do seu limitado entendimento, elevam-se muito acima de quasi todos os caracteres masculinos que cooperam na estrutura do drama.

Até invisíveis, como Beata, a falecida consorte de Ibsner, em *Rosmersholm*, se impõem à nossa admiração as mulheres do teatro de Ibsen.

raras, rarcissimas serão as produções da moderna literatura dramática onde nos enternecam e extasiem corações de mulher semelhantes aos que pulsam no peito de Margretha (⁴), de Solveig (⁵), de Agnes (⁶), de Margit (⁷), para nomear as mais notáveis.

Outras exercem na vontade e no destino do homem um poder dominador que o avassala como Rita no *Lille Eyolf* (⁸), Hilde Wangel no *Bugmaster Solness*, ou Rebeca West em *Rosmersholm*.

Eliert Lövborg (⁹) esterilizou-se, degradou-se com a separação de Thea Elvsted; o estatuario Rubbeck (¹⁰) morreu para a sua arte quando desamparado de Irene.

Não ha mister, porém, procurar em caracteres mais amplamente desenvolvidos tipos femininos captivantes de ingenuidade, cofres de sentimentos bons, de qualidades sublimes; Hilde e Bolette não se insinuam em nosso animo menos fundamente do que Ellida, a protagonista do drama (¹¹) quanto nos é simpática.



Gabriella Rejane

ca a Selma de *De unges Forbund* (12), o primeiro esboço da Nora, a figura dominante de *Et dukkehjem!* (13)

Ibsen quer demonstrar ao homem o quanto lhe seria profícua a liberdade da mulher a que insensatamente oppõe tenaz obstáculo. Quando em *A dona do mar* o marido deixa Ellida entregue ao seu arbitrio, a hesitação que a impellia para o homem estranho desaparece, como por encanto, a favor do esposo.

Sim: a criatura deve primeiro entrar na posse absoluta de si própria para depois poder entregá-la a outrem. E' a luz desta verdade que, na opinião de Ibsen deve ser encarado o casamento, tão somente feliz e proveitosa ao homem e à sociedade quando representa o estreitamento de duas vontades livres, conscientes, a união altruista de criaturas desenvolvidas física, moralmente e conhecendo-se a si próprias e mutuamente, o enlace de dois corações, de duas almas em perfeita comunidade de aspirações desinteressadas e de idéias puros. Tal é a summa da lição que recebemos de Helena Alving (14) e de Nora Helmer.

Da vasta galeria de adoráveis figuras femininas exhibida nos dramas de Ibsen, uma acima de todas tem merecido aturado estudo e predilecto cultivo em mãos das celebridades dos palcos europeus: a Nora de *Uma casa de bonecas*. Três artistas, de nacionalidades diferentes mas de igual envergadura, correm mundo assombrando as plateias com a reprodução d'aquele complexo e fascinante personagem: a Duse, a Réjane e Agnes Sorma.

Uma Nora perfeita, a cotorria que chilreie e jogue as escondidas irmanando-se com as creancinhas, que danse a tarantela vertiginosa rubricada pelo auctor e desempenhe cabalmente o último acto, requer dons tão excepcionais que difficilmente se encontrão reunidos em uma só criatura.

Como o *Hamlet*, e outros caracteres problemáticos arrastados para a cena por dramaturgos geniais, a Nora de Ibsen em poder de sumidades na arte de representar, oferece margem para infinitas variantes na individualização das multiplices fases que nos apresenta aquella alma de mulher, sujeitada em poucas horas à mais radical transformação.

Assim, as *Noras* das tres celebridades citadas, con quanto irmão na essencia, renegam do parentesco em muitos pormenores de interpretação.

Na reprodução de Agnes Sorma predomina a feminilidade. A sua revolta não exclui uma reconciliação futura muito provável.

A *Nora* da Duse é intransigente. No rosto da actriz italiana o desdém, a descrença gelida que sucede ao amor extático, à crença ardente de fanático, são desenhados no esboço d'um sorriso estranho que descobre, mais horrendo do que a palavra, a imensidão do abismo de subito cavado entre os esposos, sem esperança de ser jamais transposto. E' tal a transparência da expressão physiognomica, que presentemos claramente o drama que se desenrola no mais recondito d'aquella alma, despertada d'um sonho ridente para defrontar a morte com a contristadora realidade.

A concepção mais levantada d'este personagem é por certo a da Duse. A da Réjane é em extremo subjetiva.

Em quanto cotorria e esquilo, em quanto boneca, brincando com os

pequeninos e dansando a tarantela, — que a Duse supprime — é imitável na frivolidade, na graça infantil e viva, é encantadora nas carícias ingenuas de um coração amante leve de pezarias. Quantas vezes não teria ela jogado as escondidas com os seus adorados Henri e Germaine, — *mes plus charmantes créations*, como ás vezes lhe ouvem os intimos em gracejo de mãos extremosas?

A Réjane, — á parte exceções de pouca monta, — esculpuliza também em respeitar a integridade da obra e do papel, que a Duse mutila com indesculpável irreverencia.

Quando porém, em logar do anciado prodigo, tomba derruido o castello de ilusões doadoras em que Nora acalentara a phantasia, n'uma cegueira tão doce quanto era agora amargo o desengano, quando, frete a frente com o esposo, procede ao ajuste de contas com elle, ou, se preferem, com a sociedade; quando, enfim, abandona para sempre o lar conjugal, recusando-se a permanecer uma só noite sob o mesmo tecto com um *estrano de quem*, — *é horror! — however tres filhos*; Eleonora Duse leva de vencida a interpretação francesa.

Extasiámos-nos sem duvida as creações d'esses tres luminares da arte scénica; cada uma d'ellas, porém, apresenta lacunas que só podem ser preenchidas pelas outras duas.

A Nora que pairava na imaginação de Ibsen quando concebia tão extraordinario personagem, ainda não viu a luz da rampa. Só o concurso d'aqueellas tres individualidades reunidas n'um só vulto artístico lograria actualmente realizar o ideal do grande mestre escandinavo.

FREITAS BRANCO.

(12) *Os estreitos da sociedade*. (13) *O pato bravo*. (14) *No Bygningen Solness*. *O conservatório Solness*. (15) Em *Kong-Emmerne*, que se tem traduzido com acerto: *O presidente da marinha*. (16) *Na casa de bonecas*. (17) *A dona do mar*. (18) *Quando nascem os homens*. (19) *No Peão Gyld*. (20) *No admirável poema dramático Brancus*. (21) *No drama romântico da primeira minoria de Ibsen: Gildei para Solhagen* (A festa em Solhagen). (22) *O pequeno Egoli*. (23) *Na Hilda Gabler*. (24) *Na obra mais recente de Ibsen: Nora ei doede vægter* (Quando nascem os mortos desaparecidos). (25) *Fruen fra hoved* (A dona do mar). (26) *A liga da mocidade*. (27) *Uma casa de bonecas*. (28) *Em Gengangere* (Os espectros).



Ibsen
Autor da Casa de Bonecas



Rejane e seus filhos
Há oito anos



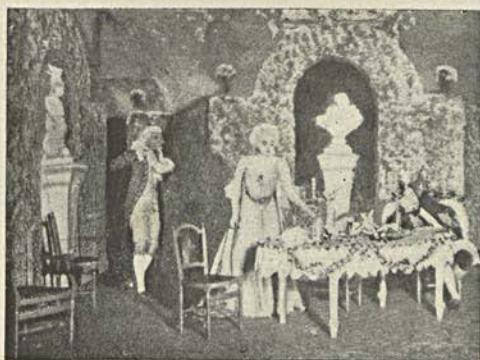
Rejane e sua filha
Photographia expressamente tirada para o Brasil-Portugal

Sylvia

A PEÇA

For com a original comédia de Abel Hermant, representada ha dois meses apenas, pela primeira vez em Paris, que Madame Rejane se despediu de nós, ha dois dias. Que delícia de interpretação ella deu ao personagem extravagante de Sylvia, que exuberância e finura de ironia, de graça e de encanto lhe imprimiu a esse tipo extravagante do *Curiosa de Amor*, lançada pelo autor em plena revolução de 1789 e apresentada vinte anos depois, mulher de três maridos, amando apenas o seu irmão de leite, companheiro da sua infância desculpada, o único que ella amava!

A peça teve grande êxito em Paris, e no teatro D. Amelia em êxito não lhe foi inferior, mas uma nota moralista apareceu a ofuscar um pouco esse sucesso. Com razão? Sem ella? Não o saberei dizer. A moralidade do teatro depende mais do espectador, do que da cena que se representa. Tudo é relativo. Em frente de um público propenso a maliciar tudo, é claro que as peripécias mais extravagantes são logo alteradas na sua significação, e no entanto quantas escabrosidades em dramas de



Sylvia — Acto I, scena XI

theses não passam despercebidas d'esses mesmos moralistas!

O que é um facto é que a comédia de Hermant é uma delicia de painéis que surgem aos nossos olhos, representando essa diversidade de épocas que n'uma mesma época se tornaram celebres!

No primeiro acto da Sylvia, encontramo-nos em plena revolução, poucos minutos depois da tomada da Bastilha, e logo no segundo acto nos encontramos em face d'essa outra revolução que espessinha já os heróis da vespéra e transforma os ideias políticos de liberdade em jacobinismo desvairado e triunfante, até que no terceiro acto, Napoleão vencedor, transforma a França, da cabeça aos pés, em política, em administração, em costumes e em modas. Essa transformação é completa na história, não o é menos na comédia de Hermant. Aquelas marcheiras que o público conheceu como o celebre protagonista de Victor Hugo *cas na pied d'aim*, estão agora no galorim, são elles que dão as leis, e no entanto basta o espírito de uma mulher inteligente para os enganar e o que é pior, ridiculizá-los.

Henrique, o irmão, colaço de Sylvia atravessa toda a peça, preso do seu amor, atraç d'aquelle que elle jurára ao seu próprio coração possuir um dia. Tardou mas arrecadou, para usar de um proverbio português.

Ha em toda a comédia scenas verdadeiramente deliciosas. A do primeiro acto



Sylvia — Acto II, scena IX



Sylvia — Acto III, scena V

entre Sylvia e o primeiro marido quando ella volta rasgada, quasi despidá pela turba revolucionária em companhia do jovem Henrique, é verdadeiramente adorável. Não é menos empolgante a do 2.º acto, quando o feitor a arrasta à *mairie* fugida da turba que a ameaça, e ella se vê pela força das circunstâncias obrigada a escapar de novo à paixão do seu companheiro de infância. E no terceiro acto, quando Sylvia se sente dominar pelo seu amor, vê surgir de repente o seu terceiro marido! Que scenas admiravelmente representadas por Madame Rejane? Que finura de compreensão, que delícia de sentir! O espectador é arrastado por essa Sylvia até que o acaso, no ultimo acto, deparando-a n'uma hospedaria em Veneza, com os dois primeiros maridos, se lembra, de acordo com o terceiro, marechal de França, ignorante de todo o seu passado — de os intrigar, de os concordar à reminiscência d'esses *ménages* que não voltam.

Finalmente a scena ultima, verdadeira *trouville* facta em que o autor coloca frente a frente os dois eternos enamorados, elle, o jovem Henrique de outros tempos, apaixonado, ardente e ella, a Sylvia, cinciosa de amor, escapa já ao terceiro marido, d'esta vez

senhora de si para se entregar ao unico que adora, ao passo que ao ouvido do espectador se repercuto o signal convencionado por ella, com os maridos antigos, que a chamam, avidos dos encantos do seu espirito finamente subtil de mulher coquette.

Será immoral a peça? Talvez, segundo o prisma como se encare as comedias que divertem e fazem rir, como essa. O que ella é, é muito original e muito engracada. Essa Sylvia é a caricatura de muitas outras que apareceram no primeiro plano da grande tela a que se chamou o Imperio. Especie de madame Sans-Gêne, de principios mais finos, encerra em si toda uma epocha historica, e sob este ponto, a comedia é um verdadeiro encanto à vista.

Mise-en-scene, costumes, guarda-roupa, tudo isso é primoroso, e ao vêr Madame Réjane n'esses quadros antigos que constituem as principaes scenas da peça de Hermant, e que o leitor do Brasil-Portugal admira hoje ao longo d'estas paginas, sentimo-nos recuar umas poucas d'epochas e encontramo-nos desvairados pela ponderancia de Bonaparte!



Sylvia — Acto IV, scena V.

O VINHO

O musgo mais sedoso, a unica mais leve
Trouxe de longe o alegre passarinho,
E um dia inteiro ao sol paciente esteve
Com o destro bico a architecar o ninho,

Da paixa as vagas facetas cõr de neve
Colhe e por dentro o alfombra com carinho! :
E armado, prompto enfim, suspenso em breve.
Ei o baúça à beira do caminho,

E a ave sobre elle as zazas multicôres
Estende a sanha, sanha que o anreio nollen
E o nectar chupa ás mais brilhantes flores...

Sanha... Porém de subito a violento
Abalo accorda. Em torno os ramos bolem...
E o vento. E o ninho lhe arrebata o vento.

ALBERTO DE OLIVEIRA.



Sylvia — Acto IV, scena VII

OS MORTOS



Pedro Ignacio Lopes
Falecido em 22 de dezembro de 1900

Foi horrivel a doença que o matou, e, n'essa agonia lenta de todos os dias, o conselheiro Pedro Ignacio Lopes, encarou a morte com a coragem dos que hem mereceram em vida as sympathias dos que o conheciam.

Formado em Coimbra, partiu em 1860 para Paris a cursar engenharia na Escola de Pontes e Calçadas, e ahi foi um dos melhores classificados. Teve como condiscípulos muitos engenheiros distintos como os srs. Pires de Sousa Gomes, Mendes Guerreiro e Alfonso Espregueira, e todos estes tiveram como collega o malogrado Sadi Carnot, ex-presidente da republica francesa. Sempre que ia a Paris, Pedro Ignacio Lopes visitava no Elysee o seu antigo condiscípulo, que fôra tambem um seu intimo amigo.

Muitas commissões importantes desempenhou durante a sua carreira de engenheiro. A ponte Maria Pia sobre o Douro foi construída sob a sua inspecção, e o inicio do desenvolvimento recente das linhas do sul e sueste, deu-se na sua gerencia.

Era um homem alegre, de bom humor, delicado. O cancro que o matou envenenou-lhe os ultimos dias da existencia.

SYLVEIA

ACTO IV—SCENA V

O marçhal, Sylvia, o marquez, Nicolau, os creados que servem à mesa

(Um silêncio)

O MARÇHAL—Quer jantar com a máscara na cara? Tire-a.

Sylvia—Não, não tire.

O MARÇHAL—Que fantasia!

Sylvia—Estamos no carnaval e quero intrigar. Ainda hoje em todo o dia não intrigou pessoa alguma.

O MARÇHAL—Ah! Ah! Intrigar!... E quem?

Sylvia—Parece-me que não tenho muito por onde escolher: os nossos amigos visinhos.

O MARÇHAL—Não os conhece.

Sylvia—Sabe lá.

O MARÇHAL—Parece-me que é para intrigar que diz isso?

Sylvia—Sem dúvida.

O MARÇHAL—Se os conhece, apresente-me então. Isso é conveniente, visto que sou seu marido.

Sylvia—Isso é mais conveniente do que imagina, e não deixarei de o fazer. Antes, porém, vou fazer-lhe uma pergunta. Meus senhores, conhecem-se?

O MARQUEZ (com grande delicatesse)—Não, minha senhora, não tenho a honra de conhecê-los de nome.

Nicolau (reservado)—Nem eu.

O MARQUEZ—Não é, no entanto, a primeira vez que o acaso nos reune a esta mesa. Havia já, trazendo que chegámos à Veneza e a esta hospedaria ao mesmo tempo, há três dias. Mas acaba agora mesmo de observar que este senhor e eu somos compatriotas.

Sylvia—Companhias?... Sois ainda melhor do que isso.

Nicolau—Como!

Sylvia—Temo uma espécie de parentesco por aliança.

Nicolau—Ah! Ah!

O MARÇHAL (inclinando-se)—Também eu.

Nicolau (inclinando-se)—Também eu.

Sylvia (riso)—Qual dos dois? Agora, é preciso que vos apresente a meu marido.

O MARÇHAL—De certo.

Sylvia—Que é marçhal de França e da primeira nobreza imperial. Não lhes digo o seu nome, porque então não haveria n'isso intriga, e hão de me jurar primeiramente que os seus não serão tão pouco pronunciados.

O MARÇHAL—Juro, minha senhora.

Sylvia (à parte) Ouf!... (ao marçhal) Dê-me de beber, peço-lhe. Esse bello vinho d'Asia não me desagrada.

O MARÇHAL—Estes pombos estão deveras bons.

O MARQUEZ—Aconselho-o a ficar-se n'elles, sr. marçhal: é o único prato comível. Eu, deverei o meu, e acabei.

Sylvia—Não se retire, ac memos, porque faia agora a sua apresentação.

O MARQUEZ—Picarei aqui a vel-a jantar, minha senhora, enquanto isso lhe devo prato.

Sylvia (sorrindo e apertando o prato)—Não, tenho apenas sede.

O MARÇHAL—Então, estou ansioso por conhecê-lo este senhor.

Sylvia—Espre, estou pensando n'isso. (Encara o marçhal para lhe entregar a physionomia) Este senhor... é de antiga nobreza...

O MARQUEZ—Sou.

Sylvia—E da mais antiga... E' um homem... delicado...

O MARQUEZ—Ah!

Sylvia—Um pouco prevertido...

O MARQUEZ—Ah!

Sylvia—Muito... Ah! isso não!

Sylvia—Não me interrompa, peço-lhe... (Dá um tom afirmativo) Era quasi velho na sua primeira mocidade... Mas tem ar de ter ficado incrivelmente novo na idade madura, pelo que o felicito.

O MARQUEZ—Ora ainda bem.

Sylvia (dirigindo-se de novo ao marçhal)—Não aprovou a revolução francesa...

O MARÇHAL—Pudá!

Sylvia—Oh!... Porque tiveram princípios contrários muito firmes; e, logo não estava nos seus costumes nem na côte do seu espírito. Paris já não tinha atraktivos aos seus olhos. Emigraram, mas encontrou mais privações que divertimentos. Lasfino-o, mas de resto, isso não prejudicou a sua saúde. Pode reapparecer em França... (Inglido interrogatório) no fim do reinado?

O MARQUEZ—Sim.

Sylvia—Gracas á bondade do soberano, retomou posse de uma parte dos seus bens... Não lhe restituíram as terras...

O MARQUEZ—E' verdade... Continue.

Sylvia—Não, agora penso que é mais contente e seu marido mesmo. A partir desse ponto a sua privação falha-me, e não quer arriscar a minha reputação disendo-lhe coisas muito precisas em vez de generalidades.

O MARQUEZ—Não disse uma palavra que não fosse exacta. Com efeito, o soberano em vez de terras, deu-me rendimentos: isso é mais fácil de emular e convinha-me... Estava um pouco desgostoso do casamento...

Sylvia—Depois de certos desgostos que teve?

O MARQUEZ—Exacto... e muito desgostoso da sociedade de Paris onde não encontrava os meus hábitos. Preferia o futuro o celibato e a liberdade de achar. Vou lhe encontrar o prazer em cada parte do mundo, e sólido, e contente, vale bem a gente incomodar. Sou comodista, e não tenho nada o humor sombrio, como os rapazes de hoje. O meu coração contenta-se com pouco, como o meu estomago. Dizem que tenho também povo cerebro, como um passaro; é o nego. Alegra-me, como os passarinhos do céu, só com um pouco de sol e um pouco de musica. E por isso que a Itália é o meu país predilecto, e vim passar o Carnaval a Veneza.

Sylvia (encantada)—Ah! como isso é bem dito!

O MARÇHAL—Também o meu estomago vai contentar-se com pouco, como o seu. Salvo os pombos, nada na mais que preste. Aqui tem fogo à veneziana que trespassa a alho.

(Empurra o prato)

Sylvia—Enfão, isso não é interessante. Passemos ao seu *via-d-vis*.

O MARÇHAL—Vamos.

Sylvia (depois de ter elabado muito tempo para Nicolau que parece muito contrariado)—Estou a querer tem as suas origens no povo...

Nicolau (mordendo a unha)—Sim.

Sylvia—Mas nascem quando as distinções de classes se aboliram alegria no trampava, e nós acabávamos de sacrificar os nossos privilégios no altar da Patria. Os mais humildes nesse tempo levavam os olhos bem alto. Apostemos que elle fez como os outros. Tinha uma inteligência pouco vulgar e uma vontade resoluta: desde que só o merito elevava, tinha o direito de pretender tudo.

Nicolau (confuso)—Minha senhora.

Sylvia—Vou descer quando estou apaixonado.

O MARÇHAL—Ah! ah! é senhorado...

Sylvia—Enfão—Marçhal. Apostemos que se foi ambicioso, não foi apenas da fortuna. Talvez mesmo o seu coração tivesse sido visto um pouco temerário.

Nicolau (muito surpreendido)—E' verdade, minha senhora...

Sylvia—Arrisco-me muito?... Não, não me arrependo... Suponho que por isso, o amor não lhe sorriu, mas que a fortuna fosse mais amavel.

Nicolau—Não é verdade?

Sylvia—Muito verdade que julga. Tinha algum gosto para o comércio, depois de ter experimentado a agricultura, entreti com sucesso em especulações sobre bens nacionais. Quando me encontrei com fundos suficientes, fiz-me fornecedor dos exercitos. Se não fosse grosseiramente usurpador gabar-se a gente do seu dinheir, dir-lhe-há que ganhei muito. Goso d'el e o melhor que posso. Viajo como o nosso nobre conviva, em busca do prazer e da despesa. E, para dizer tudo, vim passar o Carnaval a Veneza.

Sylvia—Fago-lhe meus comprimentos (ao marçhal) Deite-me mais d'esse vinho, embora eu já não saia lá muito bem o que faço e o que digo.

Nicolau—Minha senhora, sou eu que lhe dirijo os meus cumprimentos. O seu talento para adivinhar confunde-me. Affirmando que era bruxa, se pensasse que havia alguém que o fosse.

O MARQUEZ—Parece-me apenas que ella é phisionomista, mas confesso sem rebuço que as suas apreciações são de uma certezza extraordinária.

Sylvia—Phisionomista? Vamos a ver se os senhores o são, e o que julgam de mim.

(Tira a máscara. O marçhal e Nicolau reconhecem-a logo, mas não a dizem)

O MARQUEZ (depois de uma pausa)—Ah! minha senhora, não é preciso ser phisionomista, basta ter olhos, para perceber que sois a mais agradável mulher que se pode encontrar.

Nicolau—E' verdade.

O MARQUEZ—Lamento todos os que a viram apenas uma vez. Não devem desculpar outa felicidade que a de tornar a ver a.

Nicolau—Certo, certo.

O MARQUEZ—Assim, não penso que esta noite nos resignaremos de hão vontade a deixar a sua companhia tão depressa e para sempre. O Carnaval autoriza muita liberdade. O sr. marçhal permitiria que passássemos juntos toda a noite, e que gozássemos em commun as fontes de divertimento que Veneza pode dar-nos.

O MARÇHAL (levantando-se)—Pudera, não? Não serrei eu quem contrarie essas bruscas amissões que se adquirem no campo de batalha.

Sylvia (levantando-se, ao curro do marçhal)—Ha palavras felizes.

(O marçhal e Nicolau levantam-se. Nicolau fica um instante a falar com o marçhal e o marçhal desce com Sylvia)

O MARQUEZ (baixo)—Sylvia.

Sylvia (a meia voz)—Ah! Senhor...

O MARQUEZ—Aqui tem muitas censuras a fazer-lhe, mas não tenho vaga. E depois, acaba de falar tão amavelmente de mim!

Sylvia—Dirá, o que penso.

O MARQUEZ—E' surpreendente como vê bem: já não era nada novo quando me conheceu, mas agora ainda o sou menos.

Sylvia—Oh!...

O MARQUEZ—Conservei maneiros do antigo regimen, e ninguém, ainda hoje, é mais capaz do que eu... de dizer amabilidades... E então?

Sylvia—Mas... está tomando ares de me pedir... o marçhal tem direito a dar-me as suas ordens.

O MARQUEZ—Ah!...

Sylvia—Tudo isto. Não é ainda o meu marido diante de Deus?

O MARQUEZ—Confesso-lhe que me não lembra... Não tem menos espirito que d'antes.

Sylvia—Não. É figura certa que vou fazer o possível para perder o marçhal nos becos de Veneza. Não percebe uma palavra de italiano. Voltarei direita aqui. Encontrar-me-há.

O MARQUEZ—O signal?

Sylvia—Já não toca flauta?

O MARQUEZ (riso)—Ah! sim.

Sylvia (vendo os dois approximarem-se)—Schiu!

(O marçhal vai conversar com o marçhal e Nicolau fala com Sylvia)

Nicolau—Sylvia...

Sylvia—Ai!

Nicolau—Reconheci-a.

Sylvia—Vejo isso.

Nicolau—Já não durmo n'um palheiro, mas faz-me ter pena que se não passe do seu guarda para o meu, fosse ainda mesmo com o risco de se quebrar a unha.

Sylvia (sorrindo)—Ah!... (aparé) Em verdade, não estou muito comprometida com o marçhal.

Nicolau (agarrando-a)—Sylvia!

Sylvia—Schiu!.. Arranje-se como puder, e esteja aqui... dentro... em duas horas.

Nicolau—Ah!...

O MARQUEZ—Sahimos ou não?

Sylvia—Vamos. (Dirigem-se para a porta. Um pouco afast., aparte) Onde está o meu quebrar a unha noite o que legitimamente pode fazer em vinte minutos?

O MARQUEZ—Vamos! (Saem todos)

POLITICA INTERNACIONAL

Lisboa, 14 de janeiro de 1931.

E, difícil encontrar na história secular, que, como o xix, tenha deixado ao seu sucessor mais tremendos problemas para resolver. E não são simplesmente políticas as questões graves e complicadas que impendem sobre o seculo, que principia. Ia-as sociais, económicas, religiosas, científicas e até literárias e artísticas a interessar-nos no mais alto grau.

Passar em revista sucessivamente cada um destes problemas, principalmente os de ordem política e social, que afinal nestes se resolvem em ultima instância quasi todos os demais, seria o objecto das crónicas que vamos encetar para o *Brasil-Portugal* por amavel convite da sua direcção. Cada quinze dias ocupar-nos-hemos das questões mais palpáveis e de maior actualidade da política internacional. E não nos faltará o assumpto, podem crê-lo os leitores. As questões amontoam-se e precipitam-se com tal rapidez nos tempos que vão correndo, que quasi falta materialmente o tempo para sequer as registar. Senão, detenhamo-nos em duas ou três das mais transcendente significação; as quais, como os muitos dissolventes d'um gigante kaleidoscopio, tão depressa se transformaram à nossa vista deslumbrada que mal conseguimos tomar nota das suas mutações intermediárias.

Ainda hontem a Espanha era uma grande potencia colonial, e poucos meses, iamos quasi a dizer dias, bastaram para que os Estados Unidos a despojassem do seu rico património ultramarino, mais rico é verdade de tradições que de proveitos para a mãe patria, mas em todo o caso resto ainda opulento do maior império que o mundo conheceu. E, se sob o ponto de vista da Espanha, a transformação foi tão rápida, que o próprio telegrapho tinha dificuldade em lhe acompanhá-la, as diversas peripécias, do lado da grande república americana não fôr a mudança nem menos profunda nem menos fulminante. Territorialmente, acrescentaram-se os Estados Unidos com as Antilhas e as Filipinas, quase que sejam os subterfugios políticos e diplomáticos — protectorado, restabelecimento da ordem, etc. — de que os ministros de Mac-Kinley se serviram para colorir estas aquisições, tão contrárias ao espírito e até à letra da constituição de Washington e de Monroe.

Na política internacional surgiu, de repente, em virtude destas conquistas à mão armada, um novo factor com o qual o velho mundo tem já hoje de contar em todas as suas combinações. E na política, propriamente nacional americana, aparece pela primeira vez uma accentuada tendência militarista, imperialista como actualmente se denomina, que promete a breve trecho novas surpresas e decepções aos espíritos candidos, ingenuamente crentes ainda na América de Alexis de Tocqueville e dos publicistas da sua escola...

Depois da guerra hispano americana, a guerra do Transvaal. São ainda de hontem também o *raid* Jameson e o celebre telegramma de felicitação do imperador d'Alemanha, que virtualmente collocou, ou antes pareceu collocar, as duas repúblicas boers sob a protecção do poderoso império germanico. Pois passam-se poucos mais do que meses, e já hoje não existem nem Transvaal nem Orange, e é o proprio Guilherme de Hohenzollern quem vai à corte de sua augusta avó explicitar verbalmente o sentido occulto da mensagem, que iludiou o pobre Kruger, demasiado myope para poder perceber os *distinguos* artilhos das chancelarias das grandes potencias.

Por ultimo é a questão da China, que vem completar o quadro destas transformações à vista na política internacional. Quem diria há pouco mais de um anno que o tantas vezes secular Império do Meio, inerte mas na aparença sólido e decidido inabalavelmente a resistir com a inconfundível força da sua massa colosal as investidas europeias, cederia de repente, quasi que sem reacção, ao assalto do occidente, e se encontraria na situação em que actualmente se acha, invadido, retalhado n'uma infinitade de concessões, que são apenas o prologo, se é que já não constituem o primeiro capítulo, da partilha definitiva?

Ahi ficam apontados tres casos tipicos da celeridade, com que no tempo presente se realizam as transformações mais profundas na vida intima das nações e nas relações políticas entre os Estados. O que em outros tempos carecia de séculos para se completar, ultima-se hoje em annos, em meses até!

Parce que a humanidade, à medida que se adianta e progride, vive cada vez com mais intensidade; além de que a complexidade maior dos problemas, que dia a dia vão surgiendo, torna mais difícil de seguir a curva caprichosa das suas contínuas metamorphoses.

A política da antiguidade era simples, como simples foi em geral toda a vida histórica das nações d'esse período. Os problemas a resolver eram, na maioria dos casos, sucessivos, e não simultaneos, como hoje em dia. E depois, os Estados, vivendo em regra isolados e alheios a tudo quanto não se relacionava directamente com o interesse quasi exclusivo d'essas edades — a guerra — apresentavam uma evolução mais normal, e cujas fases, por isso mesmo que não sofriam a todo o momento perturbações estranhas, mais facilmente se podiam acompanhar, e até certo ponto prever.

Actualmente variaram as condições históricas dos povos modernos que constituem uma verdadeira *amphictionia*, embora a federação que os reune seja apenas moral, e não possa infelizmente evitar os dissídios graves, que os separam, ameaçando por vezes converter-se em desastrosos rompimentos. O internacionalismo tornou-se a característica dos nossos dias, oppondo a intimidade mais estreita à reserva suspeita que d'antes mantinha afastadas as nações umas das outras. E este internacionalismo contemporâneo não é simplesmente a feição predominante da política. Impõe-se a todas as manifestações da actividade social, quer se trate das que especialmente interessam o viver material dos Estados, quer se trate das que contendem com os mais delicados e transcentes problemas, respeitantes às aspirações supremas que alimentam a vida espiritual das nações.

E não admira que assim seja. Não ha progresso que desde a antiguidade não tenha contribuído para pouco a pouco se irem apagando as fronteiras, traçadas pelo particularismo selvagem das raças primivas entre os povos.

Hoje, é um caminho de ferro que suprime as antigas distâncias, e que na sua carreira vertiginosa não tem tempo para inquirir que regiões atravessa. Hontem, foi um telegrapho que, com a velocidade do raio, fez circular de um ao outro extremo do continente a boa nova a anunciar, que, ao menos no domínio do pensamento, todo o mundo civilizado constituiu uma patria única sem inquisitorias soluções de continuidade a cada ponto alfanegário. No outro dia, tinha sido uma ponte, uma estrada; e antes ainda, uma caravana, que haviam principiado a obra santa da fraternização universal. E isto para só falar dos factos de ordem física que colaboraram na grande cruzada, porque se atentarmos nos de ordem moral, ainda a approximação nos aparece mais inevitável. Quem ignora, com efeito, a ação decisiva que a literatura, a filosofia e a ciência têm exercido nos progressos do internacionalismo? De Shakespeare a Victor Hugo, de Leibnitz a Herbert Spencer, de Humboldt a pleide sagrada dos sábios contemporâneos em todos os países, quantos trabalhadores a amontoaram materiais para o grandioso edifício da solidariedade e da fraternidade entre as nações?

Mas esta solidariedade tem necessariamente como consequencia complicar as relações internacionaes. O antigo processo de escrever a história, fechando-se o historiador dentro das fronteiras de um único povo, e ignorando como extrano ao seu assumpto tudo quanto forá d'essas fronteiras se passava, tem de ser substituído pelo synchronismo atento, que segue cuidadosamente em cada época o desenvolvimento paralelo das ideias e dos factos, ligados entre si por forma a tornarem-se incompreensíveis se os separam.

Ora exactamente d'esta circunstância provém a dificuldade extrema de escrever com consciencia uma crónica da política contemporânea. É indispensável a todo o momento completar o ponto de vista nacional pelo internacional. A explicação da política local em cada nação moderna tem muitas vezes que procurar-se fora das suas fronteiras. E sob este aspecto já não há nações isoladas. Mesmo as que nos parecem mais afastadas e longínquas entram, como as outras, na regra geral. Senão lembramo-nos do Japão e da China. A política da primeira d'estas nações orienta-se há trinta annos pela política do occidente, umas vezes para copiar, outras para a contradizer, mas sempre preocuppando-se com ella, transformando-a em verdadeira obsessão. Da China é inutil falar n'este momento. O paiz clásico do particularismo cioso e suspeito, a terra consagrada da imobilidade e do ódio ao estrangeiro, está convertido no movimentado teatro de todas as ambições europeias, e pode afirmar-se, sem receio de desmentido, que mais do que em Pekin ou no valle do Yangtse-kiang, o destino histórico d'esta desdita nação está sendo jogado nas chancelarias das grandes potencias.

A que vêm porém estas considerações, no artigo que serve de prologo ás nossas revistas de política internacional? A que se destinam? A indicar desde logo qual a sua orientação. Vêm dizer ao leitor que é uma verdadeira revista internacional, que tencionamos escrever, e não uma série de revistas da política nacional dos diferentes países, sem ligação entre si, a não ser a que deriva da simultaneidade da época a que se referem.

Começaremos a proxima crónica pelo exame das questões mais importantes, que, ao terminar o seculo xix, se debatiam em cada povo. Estabelecerá assim a situação dos diversos factores da política internacional, dedicar-se-ão as revistas subsequentes á exposição sucessiva dos diversos acontecimentos, que ora n'um ponto ora n'outro, sollicitam a atenção geral. E d'esta maneira, pagina a pagina, irá o *Brasil-Portugal* apresentando aos seus leitores uma historia resumida, mas, tanto quanto possível, exacta, da actualidade.



Colhendo amoras

Desenho de Roque Gameiro, feito expressamente, a convite da Empreza do BRASIL-PORTUGAL
para o seu Almanach Illustrado para 1901

PORTUGAL E A HOLLANDA

Não tendo a importância que uma parte da imprensa estrangeira se comprazeu em lhe atribuir, o conflito existente entre a Holanda e Portugal, por motivo da questão Pott, não deixa todavia de ser uma nota desagradável. E tanto assim é que, sem receio de errar, e mesmo sem recorrer a informações de carácter confidencial, que as chancelarias se recusariam a fornecer, pode-se afirmar que ambos os governos interessados nutrem na presente ocasião o desejo de restabelecer a sua anterior cordialidade de relações, um e outro procurando meios de caminharem para esse resultado. Toda a dificuldade de rapidamente se accordar sobre uma fórmula conciliatória consiste precisamente em se encontrarem fóra dos seus logares o ministro de Portugal na Hay, conde de Selir, e o ministro da Holanda em Lisboa, mr. de Weede, diplomatas que, tendo sabido conquistar uma alta posição nas cortes junto de que estão acreditados, com a sua influência pessoal e com as sympathias que o incidente lhes não fez perder, sem custo levariam a bom termo uma negociação em tal sentido. A retirada do *exequatur* ao consul holandez em Lourenço Marques é facto consumado, sobre que não pode haver reconsideração. É certo que o sr. Pott não tem capacidade para bem desempenhar esse cargo — elle se encarregou de demonstrar o contrário d'issó. E tão depressa o governo holandez faça indicação de outro nome, é seguro que o de Portugal se apressará a manifestar a sua prompta acquiescência.

A resposta de mr. de Beaufort, ministro dos estrangeiros de Holanda, à interpelação que lhe foi dirigida na cámara neerlandesa, é indício certo de duas coisas: primeira, que o governo holandez, com a sua recusa a transferir imediatamente o sr. Pott, não pretende desconhecer os direitos de Portugal, que se absteve de susceptibilizar na sua resposta ao deputado interpellante; segunda, que não é do lado do governo holandez que se encontra a razão, pois, se assim fosse, não seria omissa a exposição de mr. de Beaufort, precisamente nos pontos que justificavam o procedimento um quasi náu-vivo do governo português. Efectivamente mr. de Beaufort absteve-se de referir as delongas com que foram respondidas as solicitações do governo português, representado pelo sr. conselheiro João Arroyo, para que fossem retiradas das mãos comprometedoras do sr. Pott as funções consulares da Holanda em Lourenço Marques. Absteve-se de dizer que algumas propostas conciliadoras ficaram por acusar. Absteve-se de informar que, já quando a controvérsia estava por demais alongada para poder continuar paciente, o governo holandez julgara ocasião de propor o levantamento de um inquérito local, para apuramento das responsabilidades do consul. Era desconhecer a nossa independência, que não sem custo, nem sem clamor, se tem afirmado em diferentes épocas. O sr. Pott fôra judicialmente convencido, perante os tribunais portugueses, de praticar contrabando a favor dos boers. A sua casa era centro notório de intriga contra os interesses da Inglaterra. Já destituído das funções consulares do Transvaal e Orange, que exerceu cumulativamente com as de Holanda, fôra-lhe apprehendida correspondência oficial de um dos belligerantes, contrabando tão grave

como o de espingardas ou munições de guerra. Por cima de tudo isto, um inquérito na nossa propria casa não o admittiam as boas relações diplomáticas, sem desistência dos mais irrecusáveis direitos da nação.

Foi motivo de certa crítica a fortuita coincidência, entre a retirada do *exequatur* ao consul Gerardo Pott, e a vinda ao Tejo da esquadra do Canal, com os festejos de aliança que se lhe fizeram. O reparo é insubstancial. A questão Pott vinha de longe, e não estava desde muito resolvida, por virtude de demoras cuja responsabilidade, a todos, menos a Portugal, se poderia imputar. O momento da retirada do *exequatur* foi dictado pelo governo holandez, com a inadmissível proposta do inquérito, e recusa a exonerar o consul. Que somos aliados da Inglaterra. Decerto! Que nos mostrámos muito ciosos de que o consul holandez não favorecesse o belligerante boer, mas quando isso nos convie, ou convie à Inglaterra, démos passagem pela Beira às forças do general Carrington! Pelos modos o sr. Pott era um estado, comparável em direitos a qualquer nação no gozo pleno da sua independência política. Tanto mais que é um erro atribuir a Portugal obrigações de neutralidade, na deplorável campanha d'Africa do Sul, ou em qualquer outra em que a Inglaterra seja envolvida. O contrario, é que seria de dizer, em vista dos tratados existentes entre Inglaterra e Portugal. E o facto é que nunca fizemos tal declaração de neutralidade, como a fizemos bem recentemente, por ocasião da guerra entre a Hespanha e os Estados Unidos, onde teríamos o coração a inclinar-se para a nação irmã (que bem mal nol-o paga) mas onde não tínhamos tratado que nos indicasse outra atitude. Os direitos dos consulados não são iguais aos direitos das nações. São bem diversos. E quanto menos neutrales devessemos ser considerados na luta do Sul d'Africa, menos o sr. Pott podia julgar-se autorizado a abusar das imunidades do seu posto, em sentido contrário às predileções do paiz em que se encontrava.

O governo holandez, satisfazendo os pedidos que lhe foram presentes para retirar ao sr. Pott a representação consular, porventura recearia ferir os sentimentos do povo neerlandez, cujo direito é plenissimo de sympathizar com a causa dos *boers*. Mas, obrigando o governo português a praticar por acto próprio a demissão do consul, não descontentaria ainda mais a opinião publica do seu paiz? E' duvidoso. Toda a nação tem o direito de retirar o *exequatur* a um funcionário consular; se assim não fosse não seria o *exequatur* condição essencial d'esse exercício, ou tanto valeria não o ser. Se os ministros, gozando outra sorte de privilégios — até o de exterritorialidade para suas casas e legações — muitas vezes são transferidos, a solicitação dos governos junto de que exercem representação, e outras vezes são espontaneamente mudados por motivo de qualquer attrito pessoal, como se admittiria que um consul permanecesse no seu posto, contra o expresso desejo do paiz onde funcionava? Evidentemente a manutenção do sr. Pott em Lourenço Marques era impossível, fossem quais fossem os interesses que ali o prendiam, e eram muitos na multiplicidade de empresas de navegação e comércio costeiro em que era e continua comparte. A mesma Holanda tem vantagem em que a sua bandeira não cubra tanta diversidade de mercadorias. O sr. Pott tratará dos seus negócios com o seu proprio valimento, e os interesses neerlandez serão administrados por pessoa que mais tempo lhes possa conferir. Quanto mais se accentue que a retirada do *exequatur* ao sr. Pott era uma necessidade indispensável, quanto mais se reconheça que não houve animosidade de governo para governar nos actos que um praticou e outro deixou de praticar, mais depressa os ministros regressarão aos seus postos, e as relações entre os dois paizes se restabelecerão no seu anterior pé de cordialidade. Por parte de Portugal, é certíssimo que não ha outro desejo.

JOAQUIM LIMA.



O CONSUL GERARDO POTT



PLAGIATO LITTERARIO

TESMO aqui deante de mim uns poucos de jornaes brasileiros: de S. Paulo, Pernambuco e Porto Alegre — todos de outubro e novembro passados. Quem m'ou mandou marcou, a traços de tinta, uma secção litteraria, onde encontro, sem nome de traductor e com o título de *Poesias chinezas*, algumas versões do *Livro de Jade* — essa anthologia dos lyricos celestes. Com certo espanto, á medida que vou lendo, descubro estrofes e versos que me não são estranhos ao ouvido. E logo Antonio Feijó e o seu *Cancioneiro chines* me veem á lembrança! Abro então a estante, onde, como n'um sacrario, guardo religiosamente os poetas, e tomo o livro do meu velho amigo e companheiro. Cotejo as versões — e eis, leitor amigo, que se me depára esta surpresa que aqui te ponho deante dos olhos:

Versões de A. Feijó

Versões Anonymas

CORAÇÃO GELADO

No outumo, quando as folhas vão cahir
Das arvores, dispersas pelo vento,
Fito-as sem dor no meu isolamento
Só, como as vi nascer, vejo-as partir...

No coração as lividas tristezas
Projectam sombras como os altos montes
Ao pôr do sol, nos vastos horizontes,
Ennoitecendo os valles e as devezas...

Tornam-se as aguas em crystaes fulgentes
Do inverno ao sopro agudo, aspero e frio,
Mas um raio de sol no ardor do estio,
Muda os crystaes em limpida corrente.

No rochedo mais ingreme e escarpado,
Quando o estio voltar, hei de ir sentar-me
Para que tu, oh sol, vindo banhar-me,
Possas fundir meu coração gelado.

O ADEUS

Foi para a guerra o grande chefe. A esposa
No momento solemne da partida,
Deu-lhe um lenço de seda côr de rosa,
Que elle beijou na extrema despedida.

— «Leva contigo esta lembrança! N'ella
vão bordadas as letras do teu nome;
Volta, que a ausencia o coração flagella,
Mas volta breve, que o soffrer consome.

Repara: a lua cheia, a cada hora,
Perde um pouco da eburna redondeza;
Assim o tempo, á espousa que te adora,
Irá roubando o encanto da belleza...

ESPOSA HONESTA

Presentes tenho as joias que me déste.
Bem que desvie o olhar, meu coração,
Não sei porqué, mas todo se reveste
Da mais estranha e viva commoção.

Ponho um momento as perolas, e logo,
A's duas joias de valor subido,
Dá-lhes um tom rosado a côr de fogo
O vermelho setim do meu vestido...

Ah! se eu te visse antes de ser casada!
Então seria o inexplicavel gôso...
Mas hoje a minha vida está ligada,
Foge que eu vivo á sombra d'um esposo.

no

CANCIONEIRO CHINEZ

CORAÇÃO TRISTE, FALANDO AO SOL

Vejo as folhas das arvores no outumo,
Logo os primeiros vendavaes cahir,
e sem pezar, n'um íntimo abandono,
só, como as vi nascer, vejo-as partir.

No coração as lividas tristezas
projectam sombras, como os altos montes,
ennoitecendo os valles e as devezas,
ao pôr do sol nos vastos horizontes.

Aos habitos do inverno agudo e frio
tornam-se as aguas em crystaes de prata,
mas um raio de sol no ardor do estio,
muda os crystaes em limpida cascata

Quando o estio voltar, hei de ir sentar-me
no rochedo mais ingreme do escarpado,
para que tu, oh sol, vindo banhar-me,
possas fundir meu coração gelado.

O ADEUS

Foi para a guerra o grande chefe. A Espousa
no momento solemne da partida
deu-lhe um lenço de seda côr de rosa,
que elle beijou na extrema despedida.

— «Leva contigo esta lembrança! N'ella
vão bordadas as letras do teu nome;
Volta, que a ausencia o coração flagella,
mas volta em breve, que o soffrer consome.

Repara: a lua cheia, a cada hora,
perde um pouco da sua redondeza;
assim o tempo, áquelle que te adora,
irá roubando o encanto da belleza...

ESPOSA HONESTA

Tenho presente as joias que me déste;
bem que desvie o olhar, meu coração,
não sei porqué, mas todo se reveste
da mais estranha e viva commoção.

Ponho um momento as perolas, e logo,
se não me engana o meu olhar perdido,
dá-lhes um tom rosado e côr de fogo
o vermelho setim do meu vestido.

Ah! se eu te visse antes de ser casada!
Que inalteraveis dias de ventura!
mas hoje a minha vida está ligada...
foge... esquece-me... exige o esta amargura...

Vês estas minhas lagrimas trementes
No immenso mar d'angustia em que flutuão?
São estas duas perolas fulgentes,
Que tu me deste e emfin te restituo...

O ESTÓFO

Trabalhando á janella, tristemente,
Piquei meu dedo: e a flor que então bordava,
Mais alva do que a neve, de repente,
Em flor vermelha logo se tornava...

Nem sei como pensei — que phantasia! —
N'esse que foi bater os revoltados,
E que era d'elle o sangue que corria...
— Pois os meus olhos tive os marejados.

Julgava ouvir o estrepito distante
De um cavallo de guerra, a galopar!
Levantei-me soberba e triunfante...
— Era o meu coração a palpitar!

Voltei de novo a trabalhar, scismando:
E as lagrimas crueis que então chorava,
Ai! foram, pouco a pouco, recamando
De perolas o estofo em que eu bordava...

Isto não é tudo. *J'en passe...* e não das peiores. O que ahi fica estampado é apenas uma amostra do plagiato. O confronto, palavra a palavra e vírgula a vírgula, que acabo de fazer, dispensava todo e qualquer comentário.

Como se tratasse d'uma tradução, o bom do homem supõe que, com algumas alterações da sua lavra (e que alterações na maior parte dos casos!) podia dar á sua obra um certo ar de originalidade. Os versos plagiados a Feijó explicar-se hiam pelo facto de hem se poderem encontrar dois traductores vertendo a mesma peça para o mesmo idioma. Mas, além de que tanta coincidencia como a que acima se evidenciou — coincidencia de estrofes inteiras! — ultrapassava todos os limites da verosimilhança — o pobre homem ignorava de certo que as versões em verso de Feijó, sendo feitas através de *versões em prosa*, como a de Judith Gautier, não eram uma tradução literal ou mesmo approximada, mas uma simples adaptação, onde o traductor se aproveitou apenas das idéas, dos conceitos e das imagens como de temas sobre que livremente modelou a sua forma; e que, assim, o metro, o rythmo, a structura estrofica d'essas versões não são originais dos poetas chinenses, mas sim arbitrariamente escolhidos pelo poeta português. Aqui é que o tradutor foi trahido pela sua ignorância: aqui é que o gato escondido deixou ver a ponta da cauda! E lá se foi o soridente plano: publicar a cousa assim, em fragmentos e anonymamente, nos jornais — e mais tarde, se se não desse pela artimanha, zás, reunil-a em volume, oppondo-lhe então, já sem modestia, o glorioso nome...

Mas não páram aqui as partidas que esses anonymous estão pregando ao nosso bom Feijó.

Em outro jornal, de 16 de outubro, apparece com a assinatura: *Padre Diogo A. Feijó* o soneto *Refugium peccatorum*, que faz parte do livro *A Ilha dos Amores*!

Este padre Diogo Feijó, brasileiro de nascimento, mas creio que portuguez de origem e da familia do poeta da *Ilha dos Amores*, foi um homem notavel no seu tempo. Frade e politico, distinguiu se na tribuna sagrada e na parlamentar, tomando parte activa no movimento da Independencia. Foi deputado por S. Paulo á nossas constituintes de 20, tentou depois fundar uma republica no Brasil, fez parte da assembléa nacional brasileira e, convertido á monarquia, foi ministro, regente do Imperio na menoridade de D. Pedro II, bispo de Marianna, etc.

Por que mysterioso processo de erudição e critica litteraria se atribuiu, porém, a este padre, coeve dos ultimos arcades, a paternidade de um soneto que faz parte de um volume publicado em Lisboa em 1897 — é o que, por mais que em tal segredo parafuse, não me é dado desvendar! Mas o facto é que o soneto em questão tem sahido em varios jornais e almanaches litterarios, sendo imputado não a Antonio Feijó mas áquelle seu remoto parente, que — quem sabe? — talvez nunca tivesse feito a corte ás meninas do Pindo...

E, assim, o fino e conscientioso poeta das *Lyricas e Bucolicas*, do *Cancionero Chines* e da *Ilha dos Amores*, vê a sua obra tratada como se fosse roupa de franceses.

Contra isso protestamos: e protestamos não só em nome dos nossos direitos, mas em nome tambem da dignidade e da grandeza da propria litteratura brasileira, que, justamente no que toca a poetas, desde um Casimiro d'Abreu e um Gonçalves Dias a um Luiz Guimaraes e a um Olavo Bilac, não precisa, para se glorificar, de ir colher louros a Parnasos estranhos.

LUIZ DE MAGALHÃES.



Antonio de Barros Ramalho Ortigão

O Brasil-Portugal honra-se hoje publicando o retrato de Antonio de Barros Ramalho Ortigão, uma das figuras mais distintas e sympathicas do commercio e do jornalismo brasileiros.

Antonio de Barros, filho d'um honrado e intelligent commerciante da praça do Rio de Janeiro, nasceu nessa cidade e, seguindo os exemplos de rectidão e actividade de seu pae, adquiriu um nome e uma reputação que todos respeitam e apreciam.

Como jornalista, é considerado um dos mais competentes em tratar de assuntos economicos e financeiros, e os artigos que sobre tal assumpto escreve na *Gazeta de Notícias* são considerados como verdadeiros primores de estudo e de justeza de vista.

Esperamos em breve publicar alguns artigos que Antonio de Barros prometeu escrever para a nossa Revista.

Vês estas minhas lagrimas trementes
no immenso mar da angustia em que flutuão?
são essas duas perolas fulgentes,
que tu me deste, e emfin te restituo...

A FLOK VERMELHA

Trabalhando á janella tristemente,
piquei um dedo, e a flor que então bordava,
mais alva do que a neve, de repente
em uma flor vermelha se tornava.

Não sei como, pensei, que phantasia!
n'esse que foi bater os revoltados,
e que era d'elle o sangue que corria...
— Senti de pranto os olhos marejados.

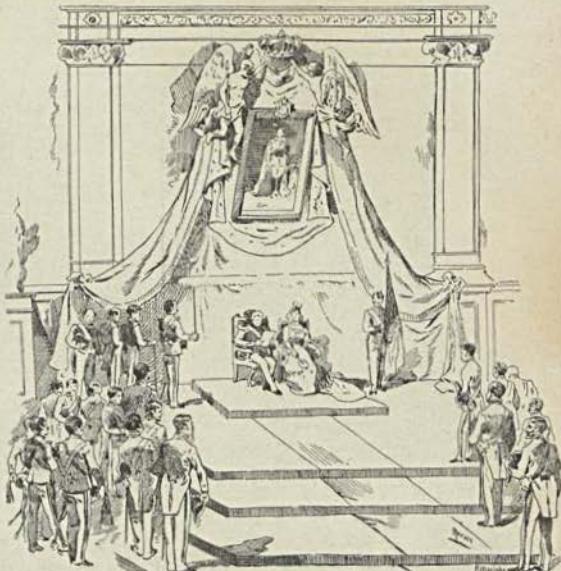
Depois ouvi o estrepito distante
d'um cavallo de guerra a galopar;
levantei-me soberba e triunfante...
— Era o meu coração a palpitar!

Voltei de novo a trabalhar, scismando:
e as lagrimas ardentes que chorava,
iam, a pouco e pouco, recamando
de perolas o estofo em que eu bordava.

A ABERTURA DAS CÓRTES



A estatua de José Estrela, no largo das Córtes



A sessão real

El-rei rendo o discurso da corte. À esquerda S. M. a Rainha, à direita o infante D. Afonso
acompanhando o estoque de Condestável do Reino



A fachada do Palácio das Córtes

Com a solemnidade habitual abriram-se as cōrtes portuguesas no dia 2 de janeiro, lendo o chefe do Estado o Discurso da Coroa, ao qual as Camaras vão responder, votando como homenagem a S. Magestade, sem discussão, uma resposta. A oposição parlamentar reserva para cada um dos projectos que se apresentem à discussão o apreciar a marcha governativa.

A cerimonia da abertura do parlamento tem sempre grande

apparato. Além dos membros das duas Camaras, acompanham El-Rei e a Rainha os altos dignitários de serviço, as damas de S. M. e Rainha, trajando de branco e azul, as cōrtes nacionaes. Os coches reais são acompanhados pelos regimentos de cavallaria. Infanteria e cavallaria abrem alas à passagem do cortejo. Uma vez no edificio das Cōrtes, for-



O Estado maior do general da divisão



O regimento de caçadores 1

ma-se o cortejo, que precede o chefe de Estado desde a escadaria principal até à sala das sessões. Vão aadeante os continuos das duas Camaras, os reis d'armas e passavantes, os officiaes-móres do Pago, os corpos legislativos, conselheiros de Estado, o ministerio, a familia real, as damas e a casa civil e militar de El-Rei. A guarda real dos archeiros abre alas, e, quando chega o cortejo à sala, cujas galérias estão sempre apinhadas, sobretudo de senhoras, que lhes dão um tom alegre com as suas *toilets* claras, El-Rei lê o Discurso que lhe é entregue pelo presidente da Camara, e, finda essa leitura, o presidente da Camara dos Pares, que toma assento à direita do throno, declara em nome de El-Rei aberta a sessão legislativa do anno.

O enterro de Luciano Cordeiro



No Cemiterio dos Prazeres:

- 1.º — O presidente do conselho, Hintze Ribeiro.
- 2.º — À chegada do prestito.
- 3.º — Os convidados.
- 4.º — Os asylos de creanças.



Na Avenida — O carro funerario



O tumulo



Enterro de Luciano Cordeiro — Exposição do ferrete na Sociedade de Geographia

THEATROS

S. Carlos

Quatro operas n'esta quinzena — *Roberto*, *Norma*, *Gioconda* e *Othello*. E para amanhã já se anuncia a *Carmen*. Uma girandola das mais varias composições, desde o velho e filigranado classicismo melódico até à portentosa tragedia lirica, em que o genio de um velho glorioso veiu afirmar-se com tal seiva e frescura, que antes se diria encervado da mais exuberante mocidade. Houve cartazes para todos os gostos e escolas. Vimol-os radiantes, aos felizes representantes da geração, que idolatrou a Stoltz e a Novello; admiramol-os, de longe, extáticos ante as promessas da *Norma* (de longe e bem de longe, porque de perto, não sei se V. Ex.^o sahem, é cada massada!); e ao passar por elles lá lhes ouvimos o classicó — aquillo é que é musica! aquillo é que eram cantores! Os do *Roberto* evocavam o Uetam e lamentavam, em tom dolente, que se deixem passar dezenas de annos, sem se ouvir a formidável estopada do terceto de vozes sós e o córo infernal oh! *Roberto*, oh! *Roberto*... que com o respectivo pim! pim! chegou a celebrar em tempo um portuguez, que a manusear linhagens e a confeccionar píllulas se sentiu mordido pela sublime paixão da Arte. Os da *Gioconda* iam vêr de novo a Theodorini e o Menotti, relembrar a Pasqua e a Tetrazzini, ouvir o vertiginoso galope conduzido por Goula e admirar as surpresas de *mise-en-scène*, que por via de varios efeitos e combinações de luzes se haviam de produzir, com encanto para os olhos e sedução suggestiva para o espirito. Finalmente a moderna geração, as gentes do progresso tinham um *Othello* quasi inedito, com um Yago dos primeiros e dois nozes no feroz *Othello* e na poetica Desdemona. E como o tempo vai para os novos, para as esperanças, até se descontava o exito, com alta cotação.

Afinal, os unicos que poderiam cantar victoria foram os terríveis sectarios dos Novellos. Contando porém com as rabugines proprias da segunda meninice, apezar da *Norma* ser a mais feliz de todas as

pretendentes ao aplauso, ficaram fulos, porque a sr.^a Del Frate não lhes attingiu uma bitola ideal que elles figuravam e porque o sr. Ceppi lhes cantou a opera nos mesmos termos em que as creanças pedem a emulsão de Scott.

E forçoso confessar que a companhia de S. Carlos, tal como está constituída, oferece uma anomala situação grammatical nos *dilettanti*. Grammatical, sim senhores e ex.^{mas} senhoras, é positivamente o termo. Ora vejam. Percorrendo o elenco, ou deparam com varios passados (ou preteritos) mais ou menos perfeitos ou imperfeitos e até mesmo mais que perfeitos (haja vista a sr.^a Theodorini!), ou topam com ilustres futuros ou futuros condicionaes, esses quasi todos imperfeitos. E a respeito de *presentes* nem um autentico, para amostra! O que, se escandalisa o Epiphanio, não é de molde a contentar os patriarchas da arte lirica. Reduzir uma companhia a respeitaveis ruinas, ou a ridentes esperanças, é uma phantasia de organização, cujos resultados se vão apreciando n'aquelle voragem, com que o buraco do ponto vaie colaborando no destino dos espectaculos anunciados. Cumprimentemos entanto mais de perto as novidades — paradoxalmente algo preteridas — das quatro *primeiras* da quinzena.

A sr.^a Del Frate. Secção de respeitaveis ruinas. Foi a *Norma*. E foi tambem uma voz. Mas é ainda uma apreciavel artista, cantando com muito conhecimento da sua arte e dos processos porque n'ella se pode dar a apparencia de joia fina ao que é apenas imitação de valia. Não seria uma *Norma* muito classica, enfronhada nos papyros de Bellini e nas regras inflexíveis do estylo da época e da escola; mas a não ser os taes, que ficaram fulos, a maioria nem conhece essa escola, nem aprecia esse estylo e contenta-se que uma artista lhe diga finamente o *recitativo*, como tão bem o faz a sr.^a Del Frate e lhe execute com delicadeza os principaes trechos melódicos. Com a sua voz desegual e cançada, de que restam uns bellos e sonoros graves e uns altos e afiados agudos, que elle sabe *flair* a primor, a sr.^a Del Frate é decerto um dos passados mais perfeitos da grammatica da sr. Paccini.

A sr.^a Theodorini. Da mesma secção. Um talento dos de maior vigor e de mais alta envergadura, que tem vindo a palcos liricos. Artista que dominou o nosso publico até ao fanatismo, quando o encanto da sua voz deu relevo as paixões que lhe animavam os personagens. Foi a *Gioconda*. Interpretação tão vibrante, como a de outras

eras, tão intensa, tão sentida, como outr'ora. Mas... que traíçoeira larynge!

No *Roberto* e no *Othello* foram respectivamente protagonistas o sr. Dimitresco e o sr. Ceppi, o qual também nos musicalizou o *Poliou da Norma*. O sr. Dimitresco já se foi embora, e a doce esperança de que não voltará anima-nos à benevolência para com o seu *Roberto* do demônio. Se o sr. Ceppi nos promettesse igual ventura, também lhe não falaríamos no seu *Othello*. Olhe que é tentador! Deixariamos em paz esta sua criação do *Othello* cafre, selvagem mais do que o carácter, investindo com tais arremetidas que a pobr' sr. De Lerma, que fazia a Dérémona, nem poude cantar a *Ave-Maria* em termos de assustada que estava. O sr. Ceppi deve sofrer alguma cousa dos ouvidos; porque se se ouvisse bem, poderíamos ter a esperança de que moderaria os impetus da sua larynge. Como tal não sucede de certo, lembramo-nos aos porteiros que em noite de espetáculo com o possante tenor, podem fazer hello negócio, fornecendo aos espectadores conjuntamente com os binóculos, bolinhas de algodão em rama. Cada qual sempre tem amor aos seus *tympans*!

O sr. Nervotti, sempre na secção de ruínas, foi um Barnaba de tanto talento como de apagada voz e um cínico e terrível Yago, igualmente grande pela concepção artística, mas prejudicado pelas resistências que os seus recursos líricos opõem aos impetus do seu temperamento.

A sr. Mantelli, outro passado perfeito, primorosa a cantar a *Adalgisa*, não foi tão feliz na *Laura*, em que a sua voz não passou o fulgor do *creato*, que a partitura lhe exige.

Na secção de esperanças a risonha sr. De Lerma foi uma *Alice* no *Roberto* de tão deliciosos agudos que até nos faz esquecer que o sr. Perelló devia no Beltram ter exhibido alguns graves. Em *Desdemona*, tão assustada andou com os torrões d'aquele negralhão que se esqueceria quasi sempre do que lêra (leu com certeza!) n'aquele caturra do Shakspeare, e até mais raramente do que mandava o Boito na sua colaboração com Verdi.

Palet é um futuro muito imperfeito, mas tem qualidades de voz, que nos deixou ver na *Gioconda*, mais do que suficientes para o sr. Paccini nos deixar ouví-lo d'aqui a uns bons 20 annos... na outra secção.

O sr. Perelló, elegantíssimo nos seus gestos á Metan no Beltram e distincíssimo a receber os seus convidados na *Gioconda*.

Goula continua na série dos seus triumphos. As operas sob a sua batuta vivem como se anismasse o talento que as creou. Incansável de trabalho e de engenho, o illustre artista!

VASCO.

Gymnasio

A *Dama das Camelias*, que a actriz Adelaide Coutinho escohou para a sua festa artística, é uma peça ultra romântica, escrita há bons cincuenta annos pelo grande dramaturgo que se chamau Alexandre Dumas. Pois bem, apesar da sua idade é ainda hoje uma peça que atrai, que captiva, que commove, que arranca sinceras lagrimas ao público que vê incessantemente aquela grande alma de peccadora incomprendida, soffrendo por isso e abandonando por fim um corpo gentil de mulher formosa, que muito amou e que muito sofreu.

Não tem o drama lances imprevistos, nem reserva surpreza ao público, mas exala-se d'elle um vago perfume de poesia que encanta e emociona.

E' um estudo perfeito de alma de mulher amante. Em torno do papel de Margarida Gauthier, movem-se, falam, gesticulam outros personagens que não conseguem desviar as atenções do público. Por isso tem aquelle papel tentado sempre as grandes actrizes e ainda pelo mesmo motivo, coloca-se sempre n'uma posição superior a actriz que n'elle consegue ser applaudida.

O que dissemos a propósito da *Ciumenta* e a respeito de Adelaide Coutinho, com orgulho afirmando, está hoje completamente confirmado. Com efeito a inteligente actriz houve-se por maneira a merecer os aplausos com que o público galardou a ouzadaria de n'este momento se apresentar n'aquelle papel.

E o público foi justo e os fartos aplausos foram merecidos. Sobretudo no 5.º acto, Adelaide Coutinho excedeu o que razoavelmente se podia esperar d'ella. Todos os symptomas da terrível enfermidade

que victimou Margarida Gauthier foram cuidadosamente estudados pela talentosa actriz e com felicidade reproduzidos.

Seríamos injustos se esquecessessemos Ignacio e Julio Soller — Armando Duval e Jorge Duval.

Soller, na scena do 3.º acto, representou impecavelmente; sempre correcto e grave, como convém ao papel de que se encarregou e deixando transparecer a profunda commoção que lhe causa a grandeza d'alma, a generosidade do sentimento d'aquelle a quem julgava absolutamente perdida.

Ignacio, com que todos temos applaudido, foi perfeitíssimo como amante apaixonado. O final do 4.º acto foi bem representado sobretudo porque não poderia esperar-se de Ignacio que apresentasse um bom Armando Duval.

Foi uma festa que a todos deixou satisfeitos e que coloca Adelaide Coutinho no grupo, bem pouco numeroso, das nossas boas actrizes.

Rua dos Condes

A comédia em tres actos de Carlos Simões e André Brun, *O Tabellão do Pote das Almas*, é uma obra que, se não merece os calorosos aplausos do público, para mais agora educado nas peças do repertório francês ou em produções vasadas nos mesmos moldes, é contudo digna de que se lhe preste alguma atenção porque revela talento e engenho da parte dos autores e boa disposição para aquele género litterario.

O desempenho, principalmente confiado a Beatriz, Valle, Silva Pereira e Joaquim d'Almeida, é bom. Joaquim d'Almeida é um tabellão que quer casar com uma D. Vicência, senhora que ha de ser rica, em virtude de um testamento archivado no seu cartório e quer também casar uma filha com um irmão d'essa senhora, um capitão-mór, já velhote (Silva Pereira). Desconfia porém que o seu escravente (Valle) também procura captar as atenções de D. Vicência, que por fim resolve casar com elle; a filha não casa com o capitão-mór, mas sim com um sobrinho d'este a quem de ha muito ama é que é afinal o verdadeiro possuidor da herança que o tabellão ha-de entregar no dia em que se passa o ultimo acto da comédia.

Toda a peça é hem tratada, conquanto revele falta de firmeza nos desenhos. Os finais do 1.º e 2.º actos são sobretudo bem achados e não será difícil que n'outro trabalho os autores mostrem bem claramente os seus recursos, que se nos afigura serem valiosos.

Deve manter-se em scena e bom será que assim seja.

Avenida

O reaparecimento de uma operetta de Offenbach é, e será ainda por muito tempo, motivo de regozijo para o público, que tem de novo occasião de ouvir boa musica, e de aplauso para a empreza que tiver resolvido arcar com as dificuldades, que não são poucas, de tal empreendimento.

E' com efeito a musica do genial creador da operetta burlesca, pelas dificuldades que oferece a quem queira conservar-lhe toda a graça scintilante e dar justo relevo a todos os inesperados contrastes, d'aquelas que não canta quem tenha apenas voz, que não toca quem saiba apenas executar com correção o instrumento a que se dedicou. E' preciso mais, é preciso melhor: o executante deve sentir o que o maestro sentiu, pensar como elle, rir com elle.

Aquella musica de tal modo traduz todo o sentir do compositor que só assim se pode ter a exacta comprehensão d'ella.

O *Barba Azul*, essa famosa operetta em 4 actos, agora em scena no theatro da Avenida, cantou-se pela primeira vez em Lisboa ha bastantes annos, desempenhado por Anna Pereira, Queiroz, Izidoro e parceiros que *Delphina*. O desempenho de agora, confiado a Palma Bastos, que nos dá uma nova revelação do seu talento, Corrêa, Alfredo de Carvalho e Jesuina, sem se parecer com o de então, em causa alguma lhe é inferior, porque todos souberam sublinhar o que a musica tem de gracioso e de subtil.

Sinceramente louvamos Souza Bastos pelo seu committimento e entusiasmaticamente applaudimos os actores encarregados do desempenho, os excentantes que fazem parte da orquestra, do regente e o ensaiador, porque todos contribuiram para o brilhantismo da operetta.

BRASIL-PORTUGAL

Composição e Impressão
Texto e capa: Companhia Nacional Editora
Largo do Conde Barão, 50
Páginas supplementares: Off.º Eustávio Nuno & F.º
Rua d'Assumpção, 18 a 24
Romance: Typographia Castanheira
Caçada de S. Francisco, 13

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directora: Augusto de Castilho, Jayme Victor, Lorjó Tavares
Editor: Luiz Antônio Sanches
Redacção e administração: Rua do Carmo, n.º 15, 1.º
LISBOA
Endereço telegráfico: BRATUGAL

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL	ILHAS, ÁFRICA E ESTRANGEIRO
Anno.....	moeda brasileira	Anno.....	Anno.....
Número avulso.....	4.º 2000	6.º 2000	8.º 2000
	5.º 2500	3.º 2500	4.º 2500
	4.º 3000	2.º 3000	3.º 3000
	3.º 3500	1.º 3500	2.º 3500
		Número avulso.....	Número avulso.....
		3.º 3500	4.º 3500
			5.º 3500

SUMMARIO

General Visconde de Serpa Pinto — MORAES CARVALHO.
A mulher nos dramas de Ibsen — FRUTAS BRANCO.
Sylvia — A peça — Uma cena da comédia — ABEL HERMANT.
Pedro Ignacio Lopes.
Política internacional — CONSIGLIERI PEDROSO.
Colhendo amores — Desenho de ROQUE GAMEIRO.
Plagiato literário — LUIZ DE MAGALHÃES.
Antônio de Barros Ramalho ORTIGA.
Portugal e a Hollanda — JOAQUIM LIMA.
A abertura das Cortes.
O enterro de Luciano Cordeiro.
Theatros.

Páginas supplementares

O Brasil-Portugal.
Novo romance.
Consignieri Pedroso.
Indice.
Pares — Presidentes — Titulares.
Antonio Feijó.
Raul Brandão.
Manuel Penteado.
Uma lição de patinagem — (Conto mudo).
Modas.
O Matadouro de Lisboa.
Morte, morte de amor, melhor que a vida — Versos de Henrique de CASAES.
Apostamentos d'uma vespa — JULIO MOUTINHO.
Anedotas.
Cartaz da Quinta.

35 ilustrações

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes:

No Brasil
RIO DE JANEIRO e S. PAULO — Agência Central dos Estados do Sul. Coronel Theodulo Pupo de Moraes e José Martins Pólio, Rua da Alvorada, 4, sobrado.
PELAMAR — A. Leopoldo da Silveira.
PAIA — J. B. dos Santos e C.º — (Livraria Clássica).
Rua João Alfredo, 50.
MANAOS — A. Fochadella — Casa Andrazen & C.º — Praça Amazonas.
MADRAS — Leônio J. da Mellores & C.º
CEARA — Sales Torres & C.º

BAHIA — José Luís da Fonseca Magalhães (Livraria Magalhães) — Diretora do Palácio, 2.º

PELOTO — Carlos Pinto & C.º (Livraria Americana).

PORTO ALEGRE — Carlos Pinto & C.º (Livraria Americana).

RIO GRANDE DO SUL — Carlos Pinto & C.º (Livraria Americana) — Rua Marechal Floriano, 100.

EM ÁFRICA

BOLEMA (Guiné) — Cesar A. Gouveia da Silva Hormem, Tesoureiro geral da Província.

MOÇAMBIQUE — D. Bernardo Heitor da Silveira de Lemos, Rua da Batalha, 10.

MOSSAMEDES — José Karla Pereira, escrivão e tabelião.

QUEILIMANE — Henrique Lima.

ENGUEULLA (Egypto) — Matheus & Tavares.

NO Continente

PORTO — Agente geral no Porto e no norte: Antônio Couto Fernandes, Rua do Almada, 2.º, 1.º

EVORA — Agente geral em Évora e no Sul: Luis Freire Correia, Rua da Encarnação, 10, tabacaria.

BENAVENTE — J. N. S. Carvalho.

PONTE DE LIMA — Gama, Amaral & Com.º

COIMBRA — João Ribeiro Arrobas, Arco do Ivo, 1-3.

TAVIRA — José Maria dos Santos.

FARO — Maya & Trigo.

NO Estrangeiro

PARIS — Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 16.

O «BRASIL-PORTUGAL»

Vae entrar no 3.º anno a nossa Revista e do caminho andado não temos senão que felicitarnos.

O grande público dos dois países tem, por uma forma que não pôde ser mais gentil nem mais captivante, respondido aos nossos esforços. E resta-nos a consolação de a nenhum sacrifício nos termos poupadão para merecer o generoso e largo acolhimento que nos tem dispensado Portugal e o Brasil.

Fechamos com este n.º 48 o 2.º anno da publicação, e com o maior jubilo que nas colunas d'estas páginas anunciamos melhoramentos e aquisições para os números seguintes, no intuito de tornar de anno para anno mais interessante e atraente a nossa Revista.

Pelas notícias que seguem, poderão os leitores do Brasil-Portugal verificar que o mais ardente desejo d'esta empresa e dos seus directores é dar à publicação um interesse crescente, tornando-a tanto na sua feição literária como artística, necessária, útil e agradável.

E agora que vai começar a faina para o n.º 49, agora que o 3.º anno começa, deixemos aqui registado bem alto o nosso reconhecimento a todos os assinantes, colaboradores, auxiliares, artistas e leitores do Brasil-Portugal, que para o exito alcançado tem em larga escala contribuído.

NOVO ROMANCE

Está a terminar o bello romance histórico, que Lopes de Mendonça escrevem expressamente a convite da direcção d'esta Revista, e que o Brasil-Portugal tem distribuído aos seus assinantes, em folhas de 8 páginas em todos os seus números, como brinde.

A seguir, começaremos a publicar, nas páginas supplementares, o CEGO, um dos mais notáveis romances de Perez Galdos, versão ligeira de Lorjó Tavares.

CONSIGLIERI PEDROSO

Inaugura hoje, nas columnas d'esta Revista, uma crônica, sobre política internacional, o ilustre professor do Curso Superior de Letras e erudito escritor o sr. Consiglieri Pedroso.

O Brasil-Portugal honra-se de o contar como colaborador efectivo, por isso que a estas columnas elle virá dar todo o brilho do seu alto espírito e todo o valor da sua prosa culta.

Em todos os números do Brasil-Portugal publicaremos a crônica de Consiglieri Pedroso.

ÍNDICE

Com o n.º 49, de 1 de Fevereiro próximo, será distribuído o Índice de todas as matérias e gravuras publicadas no Brasil-Portugal durante o 2.º anno da sua existência.

Fica assim completo o volume.

Conselho d'Amigo...

Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!

Pares — Presidentes — Titulares

No nosso numero 49, de 1 de fevereiro, que é o primeiro do terceiro anno do **Brasil-Portugal**, publicaremos os retratos dos novos pares do reino, dos actuaes presidentes das camaras dos Pares e dos Deputados, e dos recentes titulares.

ANTONIO FEIJÓ

O notavel poeta das *Ilhas dos Amores* honra com o seu nome o nosso primeiro numero do 3.º anno. Firma uns versos encantadores, que expressamente escreveu para o **Brasil-Portugal**, e que teve a gentileza de nos oferecer.

Esse verso serão acompanhados de uma artística ilustração.

RAUL BRANDÃO

A Revista conta-o desde hoje como colaborador efectivo. O ilustre escriptor, incontestavelmente um dos de maior mérito da nova geração literaria, publicará no **Brasil-Portugal** uma série de artigos e contos literarios, sob a designação genérica de *Historia do batele*. «*Vae com Deus e da sua companha*» — croquis de cenas do mar apanhadas em flagrante pelo seu espirito observador. Estes contos serão ilustrados.

Manoel Penteado

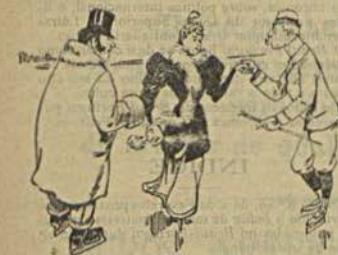
Vão periodicamente aparecer nas columnas desta Revista crónicas de um dos nossos mais talentosos escriptores, o sr. dr. Manoel Penteado. E com grande prazer que damos esta nova aos que prezam as boas letras e dão o valor devido às brillantes qualidades de espirito.

UMA LIÇÃO DE PATINAGEM

(Conto mudo)



CONSELHEIRO PEDROSO



2.º



3.º



4.º



5.º



6.º

MODAS

Esta empreza, que para ser agradável as suas numerosas e gentis leitoras se não poupa a sacrifícios de qualquer ordem, resolveu publicar periodicamente uma importissima **Secção de modas**, em que os artigos descriptivos sejam ilustrados com **figurinos a cores em páginas especiais**, papel de luxo.

Estamos organizando esta secção da Revista por forma que não possam exceder-nos nas ultimas **novidades** todos os grandes jornais de modas.

O MATADOURO DE LISBOA

Vamos dedicar-lhe, no nosso n.º 49, algumas páginas, que devem ser deveras interessantes, sobretudo por causa das gravuras que lhes descrevem.

A objectiva do **Brasil-Portugal** colheu em flagrante não só interiores e vários aspectos do edifício, mas conseguiu também reproduzir cenas de matança de gado, o que constitui para muita gente... uma novidade.

Morte, morte de amor, melhor que a vida

I

Se é morrer, quando é morte sequiosa,
Haurir, vencido, pallido, arquejante,
Num labio de mulher o inebriante
Filtro divino do supremo goso;

Se é morrer, quando é morte venturoso,
Ao mundo alheio, n'um soave instante,
Vê n'um olhar, n'um gesto, n'um semblante,
Alma vibrar n'um frémido nervoso;

Se é morrer, quando é morte convulso
Sentir nas veias, como um fogo vivo,
A volupia da carne appetecida;

Mil vidas sem pezar sacrificara,
Porque, morrendo tanta vez, gozara
«Morte, morte de amor, melhor que a vida».

II

Se é morrer, quando é morte seio a seio
Ligar, sentindo o coração amado,
Unisono, vibrar, apaixonado,
Na mesma commoção, no mesmo aneio;

Se é morrer, quando a sombra de um receio
Não interrompe o extasi sagrado
E o ser que a outro ser ligar-se veio
Fica no mesmo affecto unificado;

Se é morrer, quando é morte n'um desejo
As almas confundir, sour n'um bello
Toda a ternura da mulher querida;

Eu dos mortos de amor injevo a sorte:
Morrer assim, que venturosa morte!
«Morte, morte de amor, melhor que a vida».

Bahia — Brasil.

HENRIQUES DE CASAES.

Ela para o marido, que é poeta:

—Fazes versos para toda a gente menos para mim. Vamos lá a ver só menos como farás o meu epitaphio.

—Oh! minha querida, que tristeza d'assumpto!

—Qual historial... Eu faço o primeiro verso:

Aqui jaz Anna da Soledade!

Elle, inspirado pelo instincto de poeta, concluirá:

—Prouverá a Deus que fosse verdade!

O CARTAZ DA QUINZENA



S. Carlos. — Conclui-se esta quinzena a *Gioconda*, em que se estreou Helena Theodori; o *Othello*; e anuncia-se para a proxima quinzena os *Fumetos* para debuto da sr. Darcée; e *Um báile de máscaras*, esta em recita extraordinaria a favor do Instituto Ultramarino.

D. Maria. — A nova peça, que deve representar-se na noite de 19, é original do sr. Augusto Ceser Pereira da Motta, oficial do exercito, que debuta como autor dramático.

A distribuição é a seguinte:

Maria	Virginia
Martha	Amelia Vianna
Luiz	Carlos Santos
Ricardo	Fernando Maia
Dr. Paunero	Augusto Mello
Jorge d'Aguilar	Posser
Dr. Miranda	Francisco Santos

A ação passa-se em Lisboa na actualidade.

— A seguir representar-se-há a peça de Jean Richerpin, *O Camineiro*, 5 actos em verso, traduzidos pelo sr. Julio Dantas, sendo os principais papéis feitos pela actriz Virginia e pelos actores Ferreira da Silva e Augusto de Mello.

D. Amelia. — Voltou a companhia Rosas & Brazil, que fará *reprise* do *Othello* para a festa artística de João Rosa, e depois dará a *Sexta*, peça em 5 actos, original de Julio Dantas, assim distribuída:

Conde de Marialva	Augusto Rosa
D. José	Alves
O Custodio	João Rosa
Romão, alquilador	Gil
Timpanas, bolleiro	Antunes
Diogo	A. Pinheiro

Roque	Lagos
O Mangorona	Silva
Severa	Angela Pinto
A marquesa	Maria Pia
Chica	Maria Fulcita
Maria da Luz	Elvira Santos

— Annuncia-se para este teatro uma peça de Marcellino de Mesquita, extraída do romance extraordinário de Henri Scenievicz, *Quo vadis*.

Trindade. — Esta noite faz-se *reprise* da zarzuela *El rei que rabiô*, traduzida com o título de *El-rei d'annida*.

El-Rei	Rosa Paes
Jeremias	José Ricardo
General	Francisco Costa
Capitão	Firmino
Intendente	Telmo
Almirante	Soares
Governador	Fernandes
Aldeia	João Silva
João	Gomes
Rosa	Delphina Victor
Maria	Amelia Barros
Germano	Esterpanha
1.º pagem.	Cremilda
2.º pagem.	Hortense

A seguir entrará em ensaios *O Homem das mangas*, opéra alemã, traduzida pelos srs. Freitas Branco e Mello Barreto.

Gymnasio. — A comédia que se segue agora em cena, é um original português, intitulado *O Casamento do Conselheiro*, tem 4 actos e é do sr. Arthur Tavares de Mello.

O conselheiro	Cardoso
Rosado	Telmo
O Barão	Marcellino Franco
Dr. Pimentinha	Sarmiento
Jorge	Antonio de Sousa
D. Bernardo	Annibal Pinheiro
Um reporter	Alves
O comendador	Alexandre Ferreira
Gambôa	Salles
Georgina	Josephina de Oliveira
Josephina	Isabel Berard
Laura	Adelaide Coutinho
Nânia	Palmyra Torres
Brigida	Emilia Berard
Uma creira	Adelia Soller
	Palmyra Ferreira

Depois, segue-se o *Príncipe*, comédia da Haye e Mellac, em 4 actos, traduzida pelo sr.

Líbanio da Silva; e em benefício da actriz Josepha da Oliveira faz-se *reprise* do *Piperlin* e *La Tia*.

Avenida. — Depois da revista do anno de Sousa Basto, *Talbet te escuta*, que deve representar-se, pela primeira vez, na noite de 24, entra em ensaios uma ópera cómica original do sr. Lopes de Mendonça, *O Tiago negro*, com música do maestro Augusto Machado.

— A seguir, *reprise* do *Girofle-Girofli*.

Rua dos Condes. — Ensaia-se a revista de Schwabach — *Nieles*, que se anuncia para o fim do mês. O guarda-roupa e scénario são todos novos.

Entretanto, Silva Pereira, transformado em capitão-mor, vai arrasando a sua filha do *Tabelião do Pote das Almas*.

Príncipe Real. — A primeira representação desta noite, do original de D. João da Cama, promete ser um grande acontecimento teatral.

A *Rosa Enguiada*, tem 6 quadros intitulados:

- 1.º O cego.
- 2.º O entero.
- 3.º O Senhor dos Passos.
- 4.º O crime.
- 5.º A acomida.
- 6.º A prophesia do cego.

A distribuição é a seguinte:

Rosa	Adelina Rua
Marcolina	Maria das Dóres
D. Plácida	Eliá Aragonez
Julia	Maria Marques
João Reynaldo	Ernesto Valle
Fortunato	Luciano
Augusto de Arrayos	Torres
Chico da Arruda	Caetano
Malacuco	Machado
O taberneiro	Soares

Depois entra em ensaios *Os dois renegados* para benefício do actor Ernesto do Vale.

Colysen dos Beirões. — Começaram já os preparativos para as quas o grandes festas do Carnaval.

Os artistas que debutaram esta quinzena, e que tiveram grande exito, foram o *clown* hambúrgo excentrico Mr. Polo, Mr. Rofix, o mais assombroso equilibrista que põe sobre o queixo um piano e uma senhora tocando, disparando ao mesmo tempo um canhão; Obito, artista japonês; e Mr. Theo, silhueta.

ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Recebe e satisfaçõe encomendas para o Brasil e África com grande desconto

— Sempre as ultimas novidades —

RUA DO ALECRIM, 111, 1º

LISBOA

ANEDOCTAS

N'um café:
Dois serralheiros andaluzes falavam ácerca da Exposição, para a qual tinham mandado coires á prova de fogo.

— Oh! diz um, na incombustibilidade desafio

seja quem for! Fiz a experiência seguir metti um gallo n'um cofre e este 'n'uma grande fogueira. Quando o metal se achava incandescente, mandei abrir o cofre; o gallo estava a cantar!

— E eu, disse o outro, fiz a mesma experiência. O cofre estava em um forno; quando o metal começava a derreter-se, mandei-o abrir: o gallo tinha morrido... de frio!

Um estalajadeiro foi confessar-se e o padre perguntou-lhe:

— Você vendeu alguma vez gato por lebre?
— Não, senhor.
— Mas eu já come gato em sua casa!
— Então foi porque vossa rev.^{mais} talvez pedisse coelhos!

APONTAMENTOS D'UMA VÉSPA

Eu sou uma véspera antiga, uma véspera de calção e meia e de cabellera de rabicho, por assim dizer.

Desde os meus tempos de... véspera solteira até hoje, tenho visto de passagem, pousando aqui, saltando ali, vários casos da vida, que mostram a evidência a tendência que em todos os racionalismos se nota, quando ainda creanças, para o papel que, já homens, tem de desempenhar nesse mundo, a que uns chamam bala e a que outros se referem dizendo: — *Ora bolas!*

Vou apresentar um exemplo, que tenho bem presente.

Era por uma manhã lindíssima de primavera.

Este começo é velho, mas nem por isso deixa de ser bonito.

Eu dava o meu passeio matutino, apreciando o delicioso aroma das formosíssimas flores, que adornavam um magnífico jardim, pertencente a uma soberba propriedade, propriedade não sei de que proprietário feliz.

De repente, rompem ás correrias pelo jardim dois meninos endiabridos.

Tratava-se imediatamente de me acautelar da sanha infantil, pousando sobre uma rosa-chá, bastante distanciada dos matinhos brincalhões.

Um d'elles empunhava um chicote e o outro trazia á volta da cintura uma corda á laia de redas.

N'uma palavra: um era o cocheiro, o outro o cavalo.

Muito bem.

Passaram-se anos. Não posso agora lembrar quantos, se bem que eu sou possuidora de uma memória que faz prodígios.

A tarde estava chuvosa. O vento, que era muito, prendia-me os movimentos, fazendo-me ir de encontro a todos os arbustos, que encontrava na minha passagem.

Vi uma janelinha aberta no meu caminho, e, quasi mais impelida pelo Bórias do que pela própria vontade, entrei.

Fui descansar sobre os cabellos grisalhos de um sujeito, que dormitava comodamente recostado n'uma poltrona.

Puz-me a observar-o. Para melhor o fazer por isso que o estava vendo de baixo para cima — mudei-me delicadamente para a ponta do nariz, como centro... de gravidade.

Subi, disse eu com as minhas azas:

— *Hein?... Ora espera! Eu conheço esta cara!*

Saltei-lhe para o queixo. Como ponto estratégico de observação, era de primeira ordem!

— *E' elle!... Não ha que ver! Mas que luxo, sim senhor!*

A curiosidade — que não é só das senhoras, mas também das senhoras vespas — principiou comigo ás voltas e eu levantei voo, visitei a meu bel-prazer todo o interior da casa, sempre com o ouvido á escuta. Soubi, por fim, o que desejava.

O homenzinho que dormia, era o pequeno que eu conheci anos antes, essa creançaria que encontrei no jardim, com tão pronunciada vocação para cocheiro!

Era ministro... .

A diferença é apenas nas alimarias a governar... porque as redeas lá estão!

do debruado a fitas largas amarellas e uma coroa aos homens.

Era cadeirinha!... Aqui a diferença; a não é nenhuma.

Porto.

JULIO MOUTINHO.

Gabava-se Talleyrand de que ninguém como elle conhecia as regras de etiqueta e sabia dar a cada pessoa que recebia em sua casa o tratamento que lhe competia.

Assim, dando um almoço, a que assistia um príncipe de sangue, e com elle muitos fidalgos e pessoas de situação diversa, e sendo Talleyrand quem trinchava, segundo o velho costume, hoje completamente passado de moda, Talleyrand disse ao príncipe:

— Posso ter a honra de mandar a Vossa Alteza um bocadinho de bife?

— *A um duque:* — Dê-me V. Ex.ª licença que lhe de um pouco de bife.

— *A um marquês:* — Marquez, posso-lhe mandar um pouco de bife.

— *A um visconde:* — Visconde queira receber um bocadinho de bife.

— *A um barão:* — O barão quer bife?

— *A um fidalgos seu título:* — Um bocadinho de bife, senhor?

— *A seu secretário:* — Bife?

Mas, reparando que havia ainda um convívio de posição inferior á de secretário, era difícil encontrar uma fórmula nova, mas Talleyrand não trepidou. Olhou para o seu hospede humilde de sem dizer palavra, e com o garto e a face fez o gesto de quem corta bife.

Entre esposos:

— Dize-me, Laura, qual a desgraça que sentiras mais?

— Como te amo muito, Raul, o que sentiria mais é que tu ficassem viuvo!



Bilhares de precisão

COM A CELEBRE TABELA AMERICANA

MONARCH

Panno, Tacos, Bolas e todos os acessórios

Jogos diversos de novidade — Cartas. Tentos e Fixas para todos os jogos

Viuva de José Alexandre de Sena

28 — Rua Nova do Almada — 28

CASA FUNDADA EM 1870.

LISBOA

Peçam o catálogo ilustrado

H. PARRY & SON

Construção de navios de ferro e aço
Caldeiras e máquinas a vapor para terra e mar

34. R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

DOCAS DE REPARAÇÃO EM CACILHAS

ESTALEIRO NO GINJAL

CANDIGIROS

Em todos os gêneros

Canalizações para água e gás

Tubos de chumbo, borracha, lona, latão e ferro. Louça de ferro esmaltado. Retretes de vários sistemas. Objetos próprios para brindes

Casa José d'Oliveira

21, 22, L. S. DOMINGOS, 23, 24

LISBOA



MANOEL CANICEIRO DA COSTA

CARPINTERIA E SERRARIA A VAPOR

O mais antigo estabelecimento do norte do Brasil

Foi fundado em 1870

Prompedito, rapidez e modicidade de preços

Grande Depósito

De materiais para construção civil e naval

RUA DA INDUSTRIA, 124 — PARÁ

ENCYCLOPEDIA PORTUGUEZA ILLUSTRADA

depois publicado o 1.º volume. Preço em todo o Brasil (moeda brasileira) 32.000 réis, enc. 40.000 réis. Assinatura permanente. — Publicação de uma caderneta mensal no preço de 8.000 réis francos de paris.

EDITORES: LEMOS & C.º successores

Largo de S. Domingos, 63. — PORTO
AGENTES NO RIO DE JANEIRO

A. Mascarenhas & C.º — Rua da Quitanda, 33

Agente geral no Brasil: Luís Guedes d'Amorim

CAPITAL DO ESTADO DE COYAZ

DICIONARIO UNIVERSAL publicado sob a direcção de MAXIMIANO LEMOS

Lata da Escola Médica-Cirúrgica de Paris

Com a colaboração efectiva de dr. Adriano Antero de Sousa Pinto, Alberto de Aguiar, A. A. Ferreira, Bernardo Machado, Clemente Pinto, Domingos Correia, Domingos Ramos, Eduardo Sequeira, Ernesto Maia, Firmino Pereira, Francisco Antônio Pinto, cons. Francisco da Paula Cid, Francisco de Azevedo, Francisco Ribeiro Nobre, Henrique Carvalho d'Assumpção, Jayme de Faria, Jayme Filinto, dr. João Paiva, Joaquim A. Cambezas, José Cândido Correia, J. N. Raposo Botelho, J. N. Raposo Botelho, José Nones Gonçalves, José Pereira de Sampaio (Bruno), dr. Julio Henriques, Julio Portella, Luís Viegas, M. Oliveira Ramos, Nuno Querol, Paulo Marcellino Dias Freitas, dr. Ricardo Jorge, dr. Roberto Faria, Simas Machado, Theófilo Braga, Valentim de Magalhães, cons. Wenceslau de Lima.

PERNANBUCO
PENSAO DERBY

Hotel installado com todo o conforto moderno n'um dos pontos mais pittorescos e saudaveis de Pernambuco.

60 salas e quartos. Salão de visitas e de leitura. Banhos em todos os andares. Luz electrica. Cosinha superior e vinhos escolhidos. Grande salão de bilhares. Jogo da bola. Boles para passeio, etc., etc.

PREÇOS MODICOS

GERENTE — ISAAC ALVAREZ Y RODRIGUEZ

Endereço telegraphico — DARBY. Caixa do correio n.º 183. O Bond do Derby pásse
perto da Penha.

Livros modernos FERLAC & SILVA

PARA — R. Costa, João Afonso, 33
Lectura moderna

Sortimento completo de livros de literatura, direito, instrução, etc

PERTEVESES DE ENCRIFTORIO

Preços sem competencia
Endereço telegraphico Moderna

BRASIL-PORTUGAL

Numero comemorativo do 4.º centenario do Brasil

A venda na redacção do
"BRASIL-PORTUGAL"

Rua do Carmo, 125

Livros uteis e instructivos

EDIÇÕES da EMPREZA EDITORA de F. Arthur da Silva — LISBOA

HISTORIA UNIVERSAL — «C. Costa»
Desde a criação do mundo até à nossa época

Traduzido por Marcellino Bernardes Branco, 13 volumes, in-4º, gr., 2.ª edição, com 815800 réis, br. 1.º vol., 1.º edição, 18.500000

Em encad. interlata 34.5000000

OS ULTIMOS TRINTA ANOS 1858 a 1888 — «C. Costa» — Edição completa

Castelão, 5.ª, com 512 pag. e retrato do autor, br. 6000

Em encad. interlata 13.2000000

DICTIONARIO ENCYCLOPÉDICO VOCABULÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUEZA — «José M. A. A. C. de Lacerda» Diccionario de synonymos (Vocabulário da língua portuguesa, ou Tupy — Vocabulário da língua tupi), 2 vol. in-folio, 5.ª edição, com 24.800 pag. encad. 12.0000000

HISTORIA DAS PERSEGUICOES PÓ

LEICAS E RELIGIOSAS, ocorridas em Portugal, e nos seus colónias, e nos países de nosso dia — Verlida do hispano por I.

Triedad, 3 vol., in-4º, com 1745 pag. e 1.º grav. br. 2.5000000

Em 1/2 encad. francesa 3.0000000

Em 1/2 encad. francesa 2.5000000

Em 1/2 encad



FÁBRICA: Rua de S. Christovão N° 129

DEPOSITO E ESCRIPTORIO: Rua da Constituição, N° 3
TELEPHONE N° 185

trabalhos da sua especialidade, sob desenhos e medidas, com a maior perfeição, elegância e solidez; encarregando-se também de remeter para os Estados as encomendas acondicionadas com todas as castellas

A fabrica, bem como os seus depositos, são francos ao publico a quem convidamos a visitar para julgar com acerto dos progressos que a mesma tem alcançado na industria de marcenaria; ficando d'este modo os srs. consumidores, pelo aperfeiçoamento que os artefactos revelam, habilitados a julgar com segurança o que melhor lhes convenha antes de se munirem de moveis de outra procedencia.

BANCO

DA

PROVINCIA DO RIO GRANDE DO SUL



Fundado em 1858 em Porto Alegre, Capital do E. do Rio Grande do Sul

CAPITAL SUBSCRIBED 5,000,000\$000

Capital realizado,	2.600.000 \$000
Fundo de reserva, em 30 de Junho 1899	4.100.000 \$000
Lucros suspensos e especiaes, idem	1.200.000 \$000

Faz todas as operações bancárias, inclusive cambiais, em sua sede e nas suas filiais estabelecidas nas praias do Rio Grande e Pelotas, com os seus correspondentes em todas as praias da Confederação dos Estados Unidos do Brasil, do Prata e com os Países d'Europa e América.

Directores

A. R. Tavares, Manuel Carvalho da Costa, João Caetano Pinto

NESTA grande e acreditada fabrica encontra-se uma collecção a mais completa e variada de moveis solidos e elegantemente construidos, das mais bellas e preciosas madeiras do paiz.

A fabrica, que sem contestação é uma das primeiras do nosso paiz, n'este genero encarrega-se da factura de mobilias completas, moveis avulsos ou quaesquer ouiros

NOVOS RELOGIOS REMONTOIRES

Com mostradores luminosos nos quais se vê as horas ás escuras

Diaphorina citri (Homoptera: Psylidae) in Brazil: the first record.

	preço	desconto
1. - Relógio Penhorado, mostrador luminoso, muito sólido e elegante, caixa em aço, fechado herméticamente, re-avrado à prata, excelente condição, cylindro a prata curvado, tamânto 18 linhas .	380000	125000
2. - Idem, com uma caixa forte em prata .	550000	185000
3. - Idem, em ouro .	245000	102000
4. - Relógio Penhorado, para senhora, 18 linhas, mostrador segurado em aço .	45000	18000
5. - Idem, em prata .	65000	26000
6. - Idem, em ouro .	165000	66000
7. - Relógio Penhorado, mostrador luminoso, sólido, com um relógio de bolso ao mesmo tempo, mostrador luminoso, tendo no mostrador a bussola gravada a carta geográfica de Portugal ou do Istrá, África, os 4 continentes, para facilitar o turismo interessante e orientação, tamânto 18 linhas, excelente condição, especialmente para colecionar, caixas e chaves, vassouras, relógios de bolso de menor tamânto .	550000	195000
8. - Idem, em prata .	850000	320000
9. - Idem, em ouro .	365000	135000

Para encomenda de 6 relogios faz-se o desconto de 10 %. Expedição para Portugal contra vale do correio, incluindo de franquia, para o Brasil contra cheque bancário, incluindo de franquia.

Expede-se toda a qualidade de relogios por encommenda, sejam chronometros, com boletins de observatorio, chronographos, relogios de repetição com quartos e minutos, padometros, etc.

P. A. JOANNOT, FABRICANTE DE RELOGIOS

FUNDADO EM 1847

GENOVA (Suisse)

GARANTIA DA AMAZONIA

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

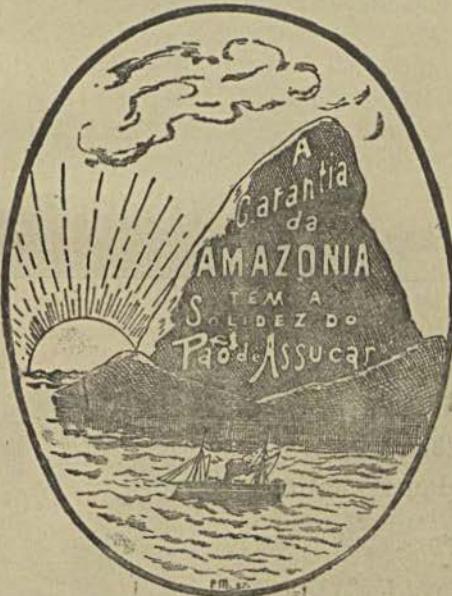
Estado financeiro em 1 de Janeiro de 1900

Propostas recebidas para seguro até esta data... 70.263.000\$000

Seguros realizados em vigor.....	50.297.000\$000	Reserva de re-seguro	2.001.265\$377
Novos seguros propostos em 1899.....	24.451.000\$000	Sobras-Garantia supplementar	491.282\$304
Seguros aceites em 1899.....	20.895.000\$000	Valor actual sobre o valor nominal de títulos e prelés que possue.....	200.000\$000
Propostas para seguros recusadas em 1899.....	3.556.000\$000	Salários pagos até esta data.....	1.028.000\$000
Renda em 1899.....	3.428.548\$128		

CONCLUINDO O SEU PARECER, DISSE O CONSELHO FISCAL:

“Estes algarismos que definem perfeitamente os factos que acabamos de frisar, fallam talvez mais alto e mais eloquentemente em abono da correção, zelo e criterio com que a sociedade foi administrada do que qualquer outro encimio que aqui registrassemos.



E, referindo-se ao pagamento de sinistros, o Presidente chamou a atenção para o facto de que:

“Nenhuma reclamação dividamente feita estava por satisfazer na data em que se fechou o balanço”.

Sociedade de Seguros Mutuos Sobre a Vida

★GARANTIA DA AMAZONIA★

Faz mais negocio, tem mais seguros em vigor, tem os seus capitais mais bem empregados, possue maiores reservas e realiza maiores sobras annualmente do que qualquer companhia do mesmo genero.

Séde social

BELEM DO PARÁ-BRAZIL

JOSE SILVA & C.^A

Casa fundada em 1879

PREMIADA EM TODAS
AS EXPOSIÇÕES



CASA FILIAL

Rua Florencio d'Abreu, 34

S. PAULO



Casa matriz e fabrico

RUA DA QUITANDA, 123 A

R. de S. Pedro

31, 32 e 42

RIO DE JANEIRO

Casa matriz-RIO

Unico estabelecimento
no Rio de Janeiro com officinas
para fabrico
de arreios de qualquer qualidade

◆◆◆
COUROS, ARREIOS E ARTIGOS
PARA VIAGEM
◆◆◆

Importação de couros,
e de todos
os artigos para selleiros,
correeiros, segeiros
e sapateiros





Casa Fundada em 1886

JOSÉ MENDES LEITE & C.

DEPÓSITO DE INSTRUMENTOS DE MÚSICA

18, Rua 15 de Novembro, 18

DE PESSOAS FAMOSAS DIVERSAS NO OFÍCIO

Instrumentos de Música

OU

ACCESSÓRIOS PARA OS MESMOS

NO GÉNERO

UNICA CASA DE CONFIANÇA

Especialidade
em cordas para violino,
trombones e violões

Endereço telegraphico

o Mendes

Casa no corredor

N.º 488



Registrada por des-
pacho da Excepcional
Junta Commercial de 6
de Maio de 1897 sob o
n.º 10.



Este estabelecimento, que é, no seu gênero, o primeiro de todo o Estado do Pará e do Norte do Brasil, importa directamente todos os instrumentos de música, de metal e de madeira, e encarrega-se de quasequer encomenda.

O seu proprietário, José Mendes Leite, garante a qualidade, a solidez, perfeição e afinação normal de todos os instrumentos. Dirigir todos os pedidos a

José Mendes Leite & C.

Rua 15 de Novembro, n.º 18

PARA

Atelier-Photo-Chimico-Graphico
P. MARINHO & C. — Rua de S. Paulo, 216, 2.^o — LISBOA

Trabalhos em todo o gênero de gravura, autotypia, sincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. Os preços mais baratos de maior em todos os trabalhos.

Teckelkoo en de oorlog. De oorlog en de

Trabalhos em todo o gênero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. Os preços mais baratos da naix, em todos os trabalhos.

Exceção perfeita

The image shows the title page of a book. The title is "PROVAE OS DELICIOSOS VINHOS DO PORTO" by "Gonçalpinto d'Almeida". The page is framed by a decorative border. In the center, there is an illustration of a man in historical attire, possibly a wine merchant, standing next to a large barrel. The overall style is that of an 18th-century publication.

**COMPANHIA
PHENIX PERNAMBUCANA**

(SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES)

FUNDADA EM 1870

FUNDADA EM 1870

DIRECTORIA Dr. Mancel Gomes Olalla
Joaquim Dias Fernandes
Luis Dupret

SÉDE: RECIFE — RUA DO COMÉRCIO, 46

PERNAMBUCO

Ao Bazar da Indústria

TAVEIRA BARBOZA & C.º
CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 42—Caixa Postal n.º 487—BRASIL—PARA

Completo sortimento de artigos para escritorio, papelerias, livros em branco, chapéus, moicinas, cordas para violino. Realjeos. Caixas de musica. Roupas faltas, perfumarias, botas. Camas de viagem, binóculos, artigos para presenças.

GRAND BAZAR DE MIUDEZAS
O sistema de vender tudo com pouco lucro é absoluto no Bazar da Indústria.
Vendas por atacado e a retalho

LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL

Le ministère public a obtenu, le 20 juillet 1972, la condamnation de l'Etat de la République dominicaine pour la mort de 177 personnes dans l'explosion d'un avion de ligne en 1960.

Disadvantages — Lower Major & Minor
Advantages — Many thin Frontiers, etc.

LA BÉGARRE
F. CARNEIRO & C.ª

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

Grande sortimento de papéis nacionais e estrangeiros. Artigos para pintura. Pertences de escritório. Objectos artísticos para brindes. Trabalhos tipográficos em todos os gêneros.

Rua Nossa Senhora da Almada, 17 a 19 - LISBOA

HOTEL DURAND

English Hotel - Lisboa
1, Rua das Flores - 1470-0000 Lisboa

Salsa, Tayuyá e Mururé Beirão

Soberano depurativo do sangue

Approved by the Illustrada Inspectoría de higiene do Pará

Para doenças originárias do sangue viciado, diferentes manifestações da syphilis, rheumatismo, gota, canecos, escrofúlulas, tumores, boubas, ulcerações de mau caráter no colo do útero e garganta, inchaço nas pernas, molestias da pele, empigens, dardos, escoriações, granulações no rosto, vegetações e blefarragias agudas ou crônicas, dores steocópicas e nevrálgicas, inflamações viscerais de olhos, ouvidos, nariz, garganta e intestinos, e nas doenças determinadas por saturação mercurial.

A SALSA TAYUYÁ E MURURÉ

Demandava muito pouco resguardo e pôde ser usada sem que a pessoa interrompesse suas ocupações; apenas se deve evitar as comidas salgadas e gordurosas e o uso de bebidas alcoólicas.

DEPÓSITO — Drogaria Beirão

DE

Carvalho Leite & C.º

103, RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 103

PARÁ



Agencia Financial

DE

PORTUGAL

R. General Camara — RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFÍCIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da dívida pública portuguesa, fundada e amortisável nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagáveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitais de distrito e sedes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.

V.º WENCESLAU GUIMARÃES & C.º

Comissões e Consignações

IMPORTADORES DE VINHOS

Telegrams

Wenceslau Rio

Caixa do correio

N.º 272

R. General Camara. 17

RIO DE JANEIRO

Companhia Geral de Crédito Predial Portuguez

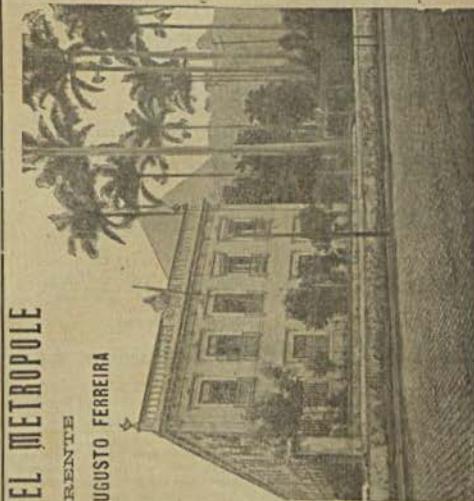
LISBOA — L. de Santo António da Sé, 19

Empréstimos hypothecários: em obrigações prediais a longo prazo — juro de 4, 4 $\frac{1}{2}$, 5 e 6 $\frac{1}{2}$ %, de 10 a 60 anos. Empréstimos em conta corrente: a juro de 5 $\frac{1}{2}$ e comissão de 1 $\frac{1}{2}$ %, de 1 a 9 anos. Depósitos — aceitam-se a prazo e à ordem, vencendo 2 $\frac{1}{2}$ à ordem e 3 $\frac{1}{2}$ ao prazo de 3 meses; 3 $\frac{1}{2}$ a 6 e 4 $\frac{1}{2}$ ao ano. Propriedades: a Companhia tem suas propriedades no reino e nas ilhas que vende a pronta ou a prazo. Agenções: nos distritos e nas ilhas. No Porto está instalada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.



ALFREDO JOSÉ BAPTISTA — LISBOA. — O B.º de São Mamede de Alcântara tem um grande armazém de chapéus para senhoras, meninas e qualidades, assim como brincos, leques, perfumarias e artigos de necessidade. Esta casa é a primeira no seu gênero em servir bem e por pouco dinheiro.

Reservam-vos a vossa de d'elos de visitar este comércio.



GRANDE HOTEL METRÓPOLE

GERENTE

CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

O MAIOR da capital, construído de acordo com o clima do país e situado nas faldas do Corcovado. Possui todas as condições higiênicas e as mais confortáveis salas e aposentos para famílias e cavalheiros.

— 10 —

184, Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO



VINHOS VELHOS

LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

de Londres, 1851; Porto, 1852 e 1855

ANTIGA CASA

PORTO João Eduardo dos Santos
REGISTRADA FUNDADA EM 1845

MARCA DE COMÉRCIO Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuínos e autênticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cascos, a marca de comércio registrada de que uso.

À VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM
JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR — PORTO

Castro Matta & Irmão

CASA IMPORTADORA

Comissões e Consignações

Especialidade em vinhos e azeites
Portugueses

ENDER. TELEGR. «Aida»

C. do Correio 212

R. 15 de Novembro, 16

PARÁ

AGÊNCIA CENTRAL

DE

JOSE LOPES PEREIRA

Agente de leilões

Encarrega-se de vendas em leilão, de predios, títulos das dívidas públicas, geraes e do Estado, terrenos, ações de Bancos e Companhias, Cambias, Hypothecas, etc., etc.; assim como recebe ordens para fazer leilões em casas comerciais, particulares e em sua agência.

á Rua 13 de Maio, 71. PARÁ
(CANTO DA TRAVESSA CAMPOS SALLES)

Telephone n.º 346

Vinho VENTURA

O Vinho VENTURA é expressamente preparado no PORTO

PARA

Montenegro Ferreira & C.º

Sucessores da antiga casa

RICARDO JOSÉ DA CRUZ & C.º

Fundada em 1820, e que tem a sua sede no

PARÁ, Boulevard da Repùblica, 44
FILIAL EM MANAOS

TONIFICA, NUTRE E REFRIGERA

Só os vinhedos de Alto Douro produzem a uva abençoadas de que se extrai o Vinho VENTURA, o único que, com vantagens incontestáveis, se aplica no tratamento das anemias rebeldes e do lymphatismo, nas convalescências, nas digestões difíceis, enfraquecimentos, etc.

Como tonico está hoje reconhecida a eficacia do

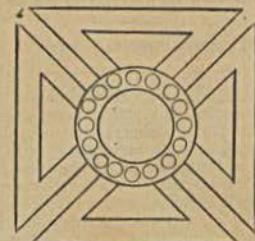
Vinho VENTURA

CASA AVIADORA

Comissões e Consignações

Fabrica S. Gonçalo

E. DE ANDRADE & C.º

Chumbo
de
caçaChumbo
de
caça

QUALIDADE

Dureza

Perfeição

Egualdade

O MELHOR QUE EXISTE NO MERCADO

Vendas por grosso e a varejo

Pedidos: CAIXA POSTAL 735

Ender. telegr. SATURNO — RIO

18, R. de S. Pedro, 18

RIO DE JANEIRO

HOTEL BRAGANÇA

Rua Entreparedes, 61. PORTO

Completamente restaurado e mobiliado. Tratamento de primeira ordem, dispondo de 80 quartos independentes, com janellas muito confortaveis e hygienicos.

O Hotel Bragança, pela sua situação na cidade do Porto é o unico que convém aos viajantes com familias.

Pensão diária 1:000 réis comprehendendo alimentação e vinho

O actual proprietário e gerente J. F. Marreiros convida todos os viajantes a installar-se no

HOTEL BRAGANÇA

Endereço telegraphico MARREIRO